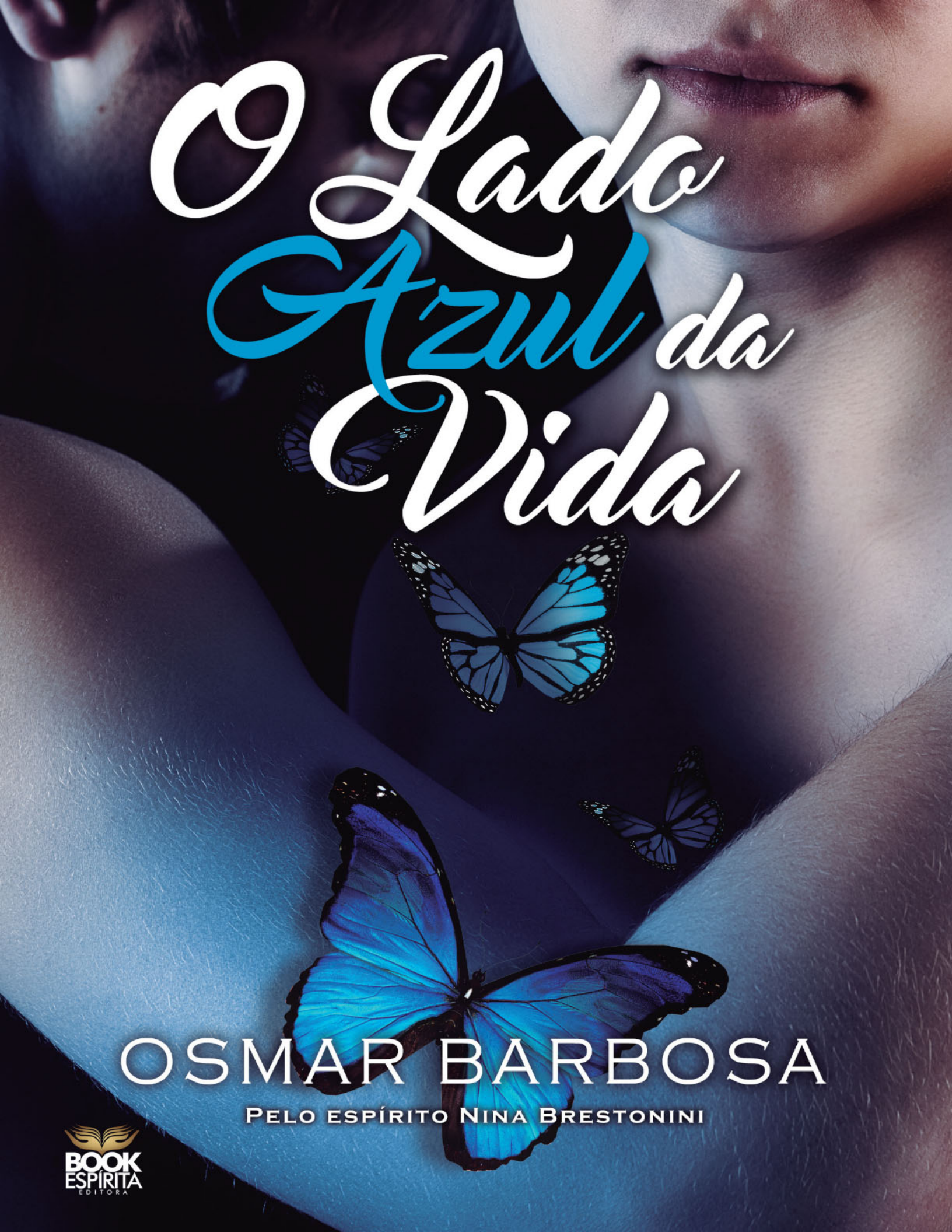

O Lado Azul da Vida
OSMAR BARBOSA
Pelo espírito Nina Brestonini
BOOK ESPÍRITA EDITORA



Querido leitor(a).
Desejo, sinceramente, que este livro lhe traga muita paz, conhecimento, felicidade, equilíbrio e amor.

O Lado Azul da Vida

Book Espírita Editora
1ª Edição
| Rio de Janeiro | 2017 |

OSMAR BARBOSA

PELO ESPÍRITO NINA BRESTONINI

BOOK ESPÍRITA EDITORA

ISBN: 978-85-92620-06-6

Capa
Marco Mancen | www.marcomancen.com
Projeto Gráfico e Diagramação
Marco Mancen Design Studio

Ilustrações do miolo
Manoela Costa

Revisão
Josias A. de Andrade

Marketing e Comercial
Michelle Santos

Produção do epub
Schaffer Editorial

Pedidos de Livros e Contato Editorial
comercial@bookespirita.com.br

Copyright © 2017 by
BOOK ESPÍRITA EDITORA
Região Oceânica, Niterói, Rio de Janeiro.

1ª edição
Prefixo Editorial: 92620

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer formas ou meios eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação, digitação, entre outros, sem permissão expressa, por escrito, dos editores.

~

Outros livros psicografados por Osmar Barbosa

~

Cinco Dias no Umbral

Gitano – As Vidas do Cigano Rodrigo

O Guardião da Luz

Orai & Vigiai

Colônia Espiritual Amor & Caridade

Ondas da Vida

Joana D'Arc – O Amor Venceu

Antes que a Morte nos Separe

A Batalha dos Iluminados

Além do Ser – A História de um Suicida

500 Almas

Eu Sou Exu

Cinco Dias no Umbral - O Resgate

Entre Nossas Vidas

O Amanhã nos Pertence



Agradecimento

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido esse dom, esse verdadeiro privilégio de servir humildemente como um mero instrumento dos planos superiores.

Agradeço a Jesus Cristo, espírito modelo, por guiar, conduzir e inspirar meus passos nessa desafiadora jornada terrena.

Agradeço a Nina Brestonini pela oportunidade e por permitir que estas humildes palavras, registradas neste livro, ajudem as pessoas a refletirem sobre suas atitudes, evoluindo.

Agradeço ainda aos meus filhos Anna Julia, Rodrigo e minha amada esposa, Michelle, pela cumplicidade, compreensão e dedicação. Sem vocês ao meu lado me dando todo tipo de suporte, nada disso seria possível.

Agradeço a todos da Fraternidade Espírita Amor & Caridade pela parceria nesta nobre e importante missão que, juntos, desempenhamos todos os dias com tanta devoção.

E agradeço a você, leitor, que comprou este livro e com sua colaboração nos ajudará a conseguir levar a Doutrina Espírita e todos os seus benefícios e ensinamentos para mais e mais pessoas.

Obrigado.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

“Para que você possa conhecer Deus em sua plenitude, necessário se faz conhecer a sexualidade dos anjos.”

Osmar Barbosa

Conheça a Fraternidade Espírita Amor e Caridade, acessando
www.fraternidadeespirita.org

Conheça um pouco mais de Osmar Barbosa em
www.osmarbarbosa.com.br

Conheça um pouco do Lar Nina Brestonini em
www.lardanina.org

A missão do médium é o livro.
O livro é chuva que fertiliza lavouras imensas, alcançando milhões de almas.

Emmanuel

Sumário

A visão espírita

Colônia Espiritual

Felipe

Revelação

A primeira lição

A vida

Cinco anos depois

Quinze anos

O limite

A vida por um fio

Destino

A realidade espiritual

Além da vida

De volta à vida

O Umbral

De volta à revelação

Paris

Deixe-me viver

A vida além da vida

A visão espírita

Muitas vezes você já se perguntou sobre o assunto. Acredito que, como eu mesmo, muitos apresentaram esta dúvida ao se aprofundarem no estudo do espiritismo em relação às dúvidas do cotidiano.

Bem, vamos a alguns pensamentos do espiritismo:

O espiritismo acredita que o amor, em toda a sua forma pura, é equivalente. Jesus pediu que amássemos uns aos outros, não importando se entre homem e mulher, irmão e irmã, ou até mesmo entre amigo e inimigo.

Seguindo esta lógica, entendemos que toda forma de amor, desde que verdadeira, pura e pautada no RESPEITO mútuo, é a forma de amor que Jesus Cristo nos ensinou. Daí temos que nos perguntar: por que um casal homossexual, em que os companheiros se respeitam e se amam de verdade, haveria de ser algo contra a lei de amor?

Agora, analisando este pensamento, temos a seguinte situação: não seria mais nocivo à lei de amor, um casal heterossexual cujos companheiros não se respeitam e levam uma vida leviana e desregrada? Segundo a lógica espírita, uma união somente é inválida perante a lei de progresso e amor quando uma das partes utiliza-se de forma inapropriada da energia sexual, da confiança e do respeito.

Em outras palavras, o espiritismo NÃO é contra a união homossexual, mas contra QUALQUER união, homossexual ou heterossexual, em que seja demonstrado o desrespeito e, principalmente, a promiscuidade, na qual se afasta a lei de amor.

Será essa a visão correta com relação à homossexualidade na visão espírita? Fico me questionando sobre a essência dos espíritos. O espírito possui sexo? Chegamos então a um dos pontos-chave da questão da homossexualidade. Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, na pergunta 200 questiona:

Os Espíritos têm sexo?

"Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos."

Entendemos daí que os espíritos não possuem sexo definido, visto que na lei de progresso deverão passar pelas provações de encarnar em ambos os sexos, a fim de aprender e evoluir em situações diferentes, exigidas em cada gênero.

Na *Revista Espírita de 1866*, Kardec relata o seguinte: "O espiritismo ensina que as almas podem animar corpos de homens e mulheres. As almas ou Espíritos não têm sexo; as afeições que os unem nada têm de carnal; fundam-se numa simpatia real e, por isso, são mais duráveis" *(Op. cit., pp. 2 e 3)*.

Segundo nos ensina o espiritismo, e poderemos constatar nas linhas deste livro, há muito mais mistérios entre o céu e a terra do que podemos imaginar. Há muitos mistérios que precisamos compreender.

Descobri nesta linda mensagem que tive a honra de psicografar, que os espíritos se ligam por laços eternos, construídos por centenas ou até mesmo milhares de encarnações juntos, tantas vezes quantas forem necessárias à

evolução do espírito. Justo! Sim, justo é o Pai que cuida carinhosamente de todos os Seus filhos.

Homossexualidade é coisa da carne e não do espírito... Somos todos homossexuais, se olharmos pela óptica de espíritos eternos que necessitam experimentar as psiques masculina e feminina para se desenvolverem e tornarem-se espíritos melhores.

Como seria evoluir sem sentir a dor do parto?

Como seria evoluir sem carregar no corpo a responsabilidade de alimentar aqueles que foram colocados no mundo?

Como seria se eu não sentisse o amor de mãe ou mesmo o amor de pai?

Está certo que sãos sentimentos diferentes...

Como me desenvolveria espiritualmente se não tivesse desenvolvido todas as virtudes das mulheres e dos homens? Embora parecidos, são sentimentos diferentes. São virtudes que todos necessitam desenvolver para seguirem para outros planos, para seguirmos em frente em nossa jornada evolutiva. Esse é o objetivo de Deus quando deixou sobre a Terra as experiências masculinas e as femininas. E além do mais, é necessário experimentarmos as psiques para que possamos procriar e assim colaborarmos com a Criação.

Nada se perde... Tudo se auxilia mutuamente...

Como saberei o que sente uma mulher se eu nunca experimentar viver como mulher? Ou vice-versa.

Uma coisa é certa: quando encarnamos é como se entrássemos num palco para interpretar um papel. E quando desencarnamos é como se a cortina fechasse e a interpretação terminasse. Daí, retornamos ao plano espiritual de onde viemos, para nos preparar para um novo retorno e uma

nova interpretação. E nesta nova interpretação poderemos trocar de raça, posição social, nacionalidade, sexo, família etc.

Então, podemos dizer que na atual encarnação uma mulher não É mulher, ela ESTÁ mulher; um homem não É um homem, ele ESTÁ homem; um negro não é negro, ele ESTÁ negro; um branco não é branco, ele ESTÁ branco etc.

Os homens que se sentem ofendidos quando veem um homossexual precisam entender que podemos encarnar várias vezes num mesmo sexo; por exemplo, num corpo feminino. Daí, quando encarnamos num corpo masculino, trazemos na lembrança espiritual as sensações, os desejos e os costumes de quando usávamos um corpo feminino.

E assim acontece o contrário também. Pode-se encarnar várias vezes num corpo masculino, e quando ocorre a troca de corpo em uma nova encarnação, guarda-se a lembrança da encarnação vivida como homem. Por isso vemos mulheres masculinizadas e homens afeminados. Estes são alguns dentre vários outros pontos que poderemos apreciar nesta obra.

Quem não viu, ou ouviu, uma criança reclamar à sua mãe que está no corpo errado? Quantas crianças desde tenra idade já apresentam características masculinas estando num corpo feminino ou vice-versa?

Quando aprendermos isso, veremos que todo racismo, preconceito e discriminação são bobagens.

Você pode me perguntar: existe homossexual por modismo?

A homossexualidade pode se desenvolver como curiosidade, muitas vezes motivada pelo modismo determinado pela mídia televisiva. Muitos jovens se classificam “bissexuais”, porque querem “experimentar” ou por terem se decepcionado com o namorado. Enfim, vemos que a “moda”

existe, sim. Neste caso não há lembranças de vidas passadas. O que há é uma vontade própria, o que nós, espíritas, chamamos de livre-arbítrio.

Diz Emmanuel no livro *Vida e Sexo*, psicografado pelo nosso querido irmão Francisco Cândido Xavier:

"Em torno do sexo, será justo resumirmos as normas seguintes: não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle.

Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender e recomeçar a obra da sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um."

Como podemos notar, para a doutrina espírita o homossexualismo é apenas um estágio evolutivo que não fere as Leis Divinas, muito menos se trata de um equívoco do Criador. O que mais nos vale é a reforma íntima, independentemente da orientação sexual que escolhermos.

O espiritismo recomenda a todas as criaturas a conscientização a respeito da sacralidade do corpo físico e da sexualidade, como fonte criativa e criadora, destinada a ser fonte de prazer físico e espiritual, sobretudo de realização, em todas as suas formas de expressão.

O homossexualismo dever ser compreendido por nós como uma das muitas experiências que o espírito vivencia em sua trajetória, para que finalmente aprenda verdadeiramente para além dos implementos genéticos que o caracterizam como homem ou mulher.

O espiritismo nos ensina que o espírito não tem sexo e que um mesmo espírito pode, em diferentes encarnações, habitar igualmente o corpo de um

homem ou o corpo de uma mulher, sendo capaz de amar homens e mulheres.

Segundo nos esclarecem os espíritos superiores, o espírito não possui sexo. Pelo menos não como entendemos (é o que respondem na pergunta 200 de *O Livro dos Espíritos*, como já pudemos ver acima). E afirma Kardec em outro ponto: "Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão porque os sexos seriam inúteis no mundo espiritual" (REVISTA ESPÍRITA, junho, 1862).

Para que a evolução e o desenvolvimento do espírito ocorram em plenitude, necessário se faz que o espírito tenha experiências reencarnando ora no sexo feminino, ora no sexo masculino.

Bom, minha gente, o papo está muito bom, mas temos uma incrível experiência a trocarmos nas páginas seguintes.

Boa leitura!

Osmar Barbosa

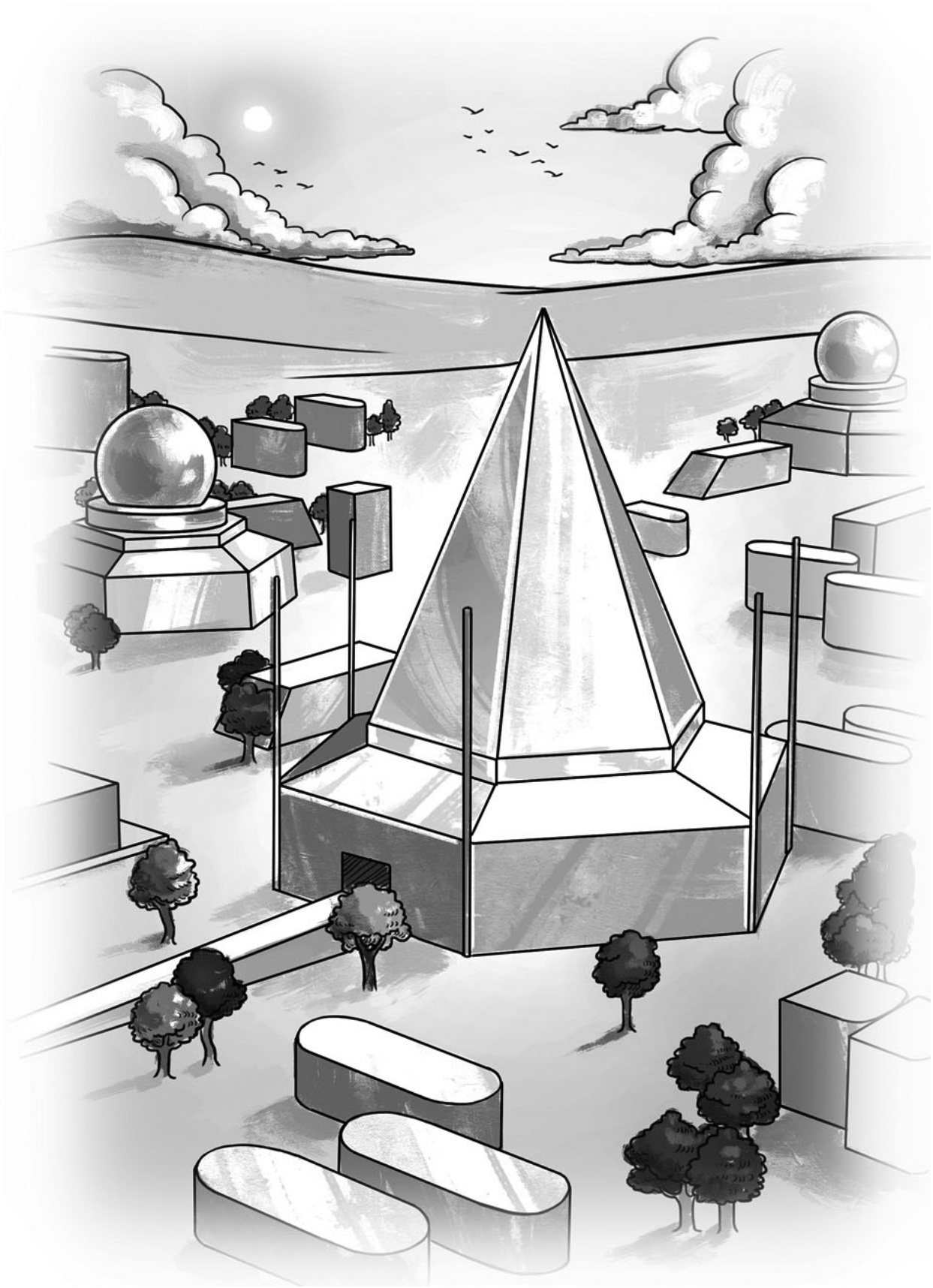
Amigo leitor.

Para melhor compreensão da obra e familiarização com os personagens, recomendamos a leitura de outros livros psicografados por Osmar Barbosa.

O Editor

“Com o coração se pede. Com o coração se procura. Com o coração se bate e é com o coração que a porta se abre.”

Santo Agostinho



Colônia Espiritual

Amor & Caridade

– Bom dia, Nina!

– Bom dia, Lucas!

– Como vai você, Nina?

– Bem, muito bem! E você, meu amigo?

– Eu estou bem. Você está sabendo que acabei de chegar de um resgate que realizamos lá no Brasil?

– É, eu soube, Lucas.

– Quem foi que lhe contou?

– Foi o Marques.

– Humm! Sempre ele, o Marques...

– Mas por que você veio até aqui para me falar sobre isso, Lucas? Resgates são corriqueiros aqui na colônia.

– É que vi algo que me deixou inquieto nessa missão, sabe, Nina.

– O que houve, Lucas?

– Eu sei que essa minha dúvida eu deveria tirar com nosso querido Daniel, mas me sinto envergonhado em perguntar isso a ele, me sinto mais à vontade conversando com você. Você sabe né, Nina?

– Desembucha logo, Lucas! – diz Nina.

– Nina, eu e o Índio fomos resgatar um rapaz que estava no Umbral, o nome dele é Fernando. Nós o trouxemos e eu o coloquei na enfermaria de número seis. Ele está aos cuidados da doutora Sheila. Ele foi colocado no sono da recuperação.

– Pare com rodeios e vá direto ao assunto, Lucas! – diz Nina.

– Calma, Nina, poxa! – diz Lucas mostrando-se envergonhado.

– Você fica de rodeios desnecessários, Lucas. Fala logo, o que é que você quer saber?

– Não é isso, Nina, é que não sei bem como lhe perguntar.

– Perguntando, ora! Falando...

– Sabe o que é? É que ao chegarmos ao Umbral, próximo ao Fernando havia uma menina de nome Raquel, que parecia estar tomando conta do menino desmaiado. Ela nos pediu para acordá-lo. Depois que lhe expliquei o porquê de nossa presença, ela nos pediu para trazê-la para cá, daí o Índio disse que não poderíamos ajudá-la. Ela ficou inconformada e muito triste e começou a chorar. E eu fiquei muito preocupado; na verdade, fiquei foi muito chateado em não poder ajudá-la. Até cheguei a insistir com o Índio, mas ele foi taxativo. “Não viemos buscá-la, nada podemos fazer”, ele disse.

– E o que você fez?

– Sentei-me ao lado dela enquanto os maqueiros colocavam o Fernando na maca de resgate. Pude abraçá-la. Daí lentamente ela se acalmou e parou de chorar.

– Que bom, Lucas! – disse Nina, colocando a mão direita sobre o ombro do amigo.

– Mas não foi isso que me deixou incomodado e com muitas dúvidas, Nina.

– O que foi então, Lucas?

– Podemos nos sentar? – propõe o jovem amigo.

– Claro que sim! Venha, vamos nos sentar naquele banco ali – aponta Nina com o indicador direito um banco colocado próximo a eles, embaixo de uma frondosa árvore de flores azuis.

Após sentarem, Lucas continuou:

– Nina, a Raquel, a menina lá do Umbral, durante o pouco tempo em que ficamos juntos, me disse que o Fernando era seu irmão e melhor amigo, e que ele tinha sido assassinado por um grupo de rapazes que o espancaram até a morte.

– Nossa, que coisa horrível!

– Sim, ela me disse ainda que estava ao lado dele tentando acordá-lo havia messes e não conseguia. Ela disse que tinha consciência de que estava desligada do corpo físico, pois já havia muito tempo estava no Umbral. Disse-me que tinha, assim como o irmão, sido assassinada por um grupo de seguidores de não sei o quê, ela não soube me explicar. E que ela e seu irmão eram homossexuais, e que por isso foram mortos.

– Nossa, que violência! – diz Nina.

– Sim, eles foram mortos a pancadas, desferidas com pedaços de pau, socos, e por fim, facadas. Ela me disse que era um grupo de radicais que não toleravam homossexuais.

– E você, o que fez então?

– Eu a abracei ainda mais forte. Pedi-lhe que se mantivesse em orações e disse que iria conversar com você para obter ajuda para resgatá-la.

Prometi que voltaria para buscá-la.

– E ela?

– Acalmou-se depois de algum tempo e nos permitiu trazer o Fernando. Ela é muito ligada a ele. Eu a convenci de que, vindo conosco, seria a melhor coisa que poderia acontecer ele. Falei de nossa colônia e de todos aqui. Ela ficou mais animadinha, até esboçou um sorriso. Sabe, Nina, ela é muito bonita. Eu gostaria muito que você me ajudasse a resolver essa questão – diz Lucas com os olhos marejados.

– Vou fazer assim: vou agora mesmo visitar o Fernando na enfermaria seis e tentar saber um pouco mais dessa história. Vou conversar com a Sheila e ver em que posso ajudar. Prometo-lhe, meu amigo – diz Nina. – Não chore, sabes que lágrimas não são bem-vindas nas colônias espirituais.

– Eu lhe agradeço, Nina. E se você puder, me auxilie a compreender um pouco mais dessa história de homossexualismo. Dois irmãos, ambos assassinados. Mortos por suas escolhas sexuais... Isso me deixou muito triste. Eu gostaria de compreender melhor tudo isso.

– Vamos fazer assim: depois de visitar o menino e falar com Sheila, falarei com Daniel e pedirei uma audiência com ele para que nos explique melhor. Sei de algumas regras e escolhas que, como você sabe, nos são permitidas nas encarnações. Quanto à homossexualidade, acho que convém conversarmos com Daniel. Afinal, ele é o presidente de nossa colônia e está capacitado para nos dar esse ensinamento.

– É isso que eu, na verdade, gostaria de lhe pedir, Nina, mas fiquei sem graça – diz Lucas.

– Deixe de bobagens, Lucas! Eu vou falar com o Daniel. Eu até compreendo que podemos escolher como viveremos no mundo espiritual. Sei que posso escolher ser mulher ou homem desde que eu tenha experimentado as duas formas. Eu, por exemplo, já tomei consciência de

minhas experiências femininas e masculinas e preferi viver como Nina mesmo.

– Sim, eu também preferi viver como Lucas. Embora, por vezes, tenha dificuldade em compreender as coisas dEle.

– Isso é normal, Lucas. Difícil é aceitar todas essas coisas quando se chega aqui na vida eterna.

– É, eu sei. Já enfrentei muitos desafios por ter escolhido permanecer como Lucas.

– Pois é, meu amigo, eu já me acostumei a usar essa forma.

– Obrigado, Nina, por seus ensinamentos.

– De nada. Agora vou procurar Sheila e depois marcar uma hora com Daniel. Fique tranquilo, que mando lhe avisar.

– Obrigado mais uma vez – diz Lucas sorrindo.

– Agora me deixe cuidar das crianças, que já estão me esperando para a aula de hoje – diz Nina se levantando.

– Vá, Nina! Vá! E obrigado de coração por você me compreender e me auxiliar neste momento.

Nina aproxima-se de Lucas, abraça-o e vai apressadamente à ala das crianças, que existe na Colônia Amor & Caridade.

A Colônia Espiritual Amor & Caridade é especializada no restabelecimento do espírito quando a matéria sofre as enfermidades causadas pelo câncer. As quimioterapias e radioterapias aplicadas em pacientes terminais causam lesões nos espíritos, por serem de materiais radioativos. Ela está localizada dentro da Colônia das Flores, que fica sobre o estado de Santa Catarina, e adentra o estado de São Paulo e Mato Grosso e ainda uma pequena parte do estado do Paraná.

Tratamentos de câncer prolongados causam ferimentos maiores e precisam ser tratados no mundo espiritual. O câncer é um desequilíbrio celular que causa a má reprodução das células. O esforço da ciência para curá-las causa as lesões que são tratadas na Colônia Espiritual Amor & Caridade.

Após o tratamento de equilíbrio espiritual, feito por meios de passes fluídicos e terapias, e a conscientização da vida eterna, esses espíritos são transferidos para outras colônias. Alguns são encaminhados para a reencarnação em Nosso Lar, outros são convidados a servirem em diversas colônias no mundo espiritual; e outros, por afinidade e formação acadêmica, ficam a servir a seus semelhantes na própria colônia em que vivem em constante estado de ampliação.

Em Amor & Caridade, você vai encontrar um grande número de médicos e enfermeiros recém-desencarnados servindo nas diversas enfermarias.

A forma física adquirida por meio das reencarnações é um estado evolutivo. Os espíritos são criados simples e ignorantes, vivem experiências minerais, animais e humanas; outras formas estão a seguir na escala evolutiva. Lesões, perdas de partes do corpo, como amputações, danificam a forma espiritual adquirida ao longo da evolução; novas formas ainda estão por vir, desta forma esses espíritos precisam ser ajustados para continuarem em sua trajetória de evolução.

É bom lembrar que as cidades espirituais que se localizam mais próximas à Terra normalmente são planos transitórios. Existem outros planos superiores e também inferiores. Nas colônias, os espíritos aprendem a se desligar da matéria; alguns, lentamente; outros, com uma adaptação mais depressa.

A Colônia Espiritual Amor & Caridade é também a responsável pelo resgate de crianças vítimas de câncer, nas centenas de enfermarias e

hospitais espalhados pelo Brasil e por vezes atende a outros países da América do Sul.

Ela é presidida por Daniel, experiente e iluminado espírito que após vivenciar diversas encarnações, segue auxiliando e orientando todos os operários da colônia. São muitos os espíritos que trabalham em Amor & Caridade. Muitos deles viveram experiências juntos na Terra e agora se reencontraram para seguirem juntos evoluindo na Colônia Espiritual Amor & Caridade.

Auxiliado por Rodrigo, Felipe, Nina, Marques, Lucas e tantos outros, Daniel cumpre sua tarefa com rigor e prazer. Excelente professor, ele educa e auxilia com simplicidade e amor. Todos os ensinamentos que Daniel proporciona ao grupo de Amor & Caridade são riquíssimos em detalhes, o que facilita o aprendizado. Ele nos auxilia também por meio das obras psicografadas que chegam a todo o momento, vindas dessa colônia.

A Colônia Amor & Caridade é composta por treze grandes galpões, três dos quais dedicados à recuperação, transição e realinhamento por meio de terapias do sono e passes dados por espíritos auxiliares. Outros quatro galpões servem de enfermaria aos pacientes na idade adulta que desencarnam em hospitais, vítimas de câncer; os outros dois galpões são especialmente destinados às crianças, também vítimas de câncer.

Há ainda um galpão, o maior de todos, onde funciona o setor administrativo, com salas e teatros amplos onde são feitas as reuniões com os espíritos que trabalham na Terra em casas espíritas, em centros cirúrgicos e nos hospitais.

Os três galpões que faltam mencionar funcionam como centros de treinamento e escola. Há, em toda a colônia, amplos jardins, lagos e praças, onde os espíritos recolhidos se encontram para o lazer e orações contemplativas. As praças são enormes e gramadas, com diversos brinquedos para as crianças, balanços, pedalinhos, escorrega, entre outros.

* Mais informações sobre a Colônia você encontra no livro *Colônia Espiritual Amor & Caridade*, do mesmo autor.

“Você domina as palavras não ditas, porém está subordinado àquelas que pronunciou!”

André Luiz



Felipe

Nina segue até a ala das crianças onde Felipe está participando da recreação infantil no intervalo da aula e se aproxima.

– Oi, Felipe!

– Oi, Nina, você estava demorando, daí aproveitei para brincar um pouco com as crianças.

– Eu estava lá nos jardins conversando com o Lucas.

– Ele já chegou da missão?

– Sim, acabou de chegar do Umbral. Ele chegou cheio de dúvidas e está muito inseguro.

– O que foi que houve?

– Ele está com muitas dúvidas relacionadas à opção sexual nas encarnações. Homossexualidade, entende?

– Você explicou a ele?

– Não, não expliquei.

– Por que? – diz Felipe.

– Eu acho que esse resgate tem alguma coisa a ver com ele. Não achei prudente aprofundar no assunto. Como você sabe, Daniel está sempre aprontando conosco. E é desta forma que conseguimos compreender melhor

as coisas de Deus. É na prática que aprendemos e podemos compreender os melhores ensinamentos, aqueles que transformam nosso ser. Não podemos nos esquecer de que é por meio das provas que nos aperfeiçoamos. Assim como quando estamos encarnados, é por meio dos dissabores que podemos conhecer e desfrutar dos sabores da existência. Sabe, Felipe, acho que há algum mistério nessa missão de resgate do Lucas.

– Como assim?

– Ele chegou aqui muito mexido. Ele ficou muito sensível após conversar com Raquel, a irmã do resgatado, que me disse que encontrou no Umbral.

– Você acha que isso tem alguma relação com as vidas anteriores dele?

– Não sei, Felipe. Eu só não me senti segura em conversar com ele sobre o Fernando e a Raquel.

– Ele não sabe de nada, né?

– Isso! Ele não sabe de nada.

– E você vai ajudá-lo ou vai transferir o assunto para o Daniel?

– Acho melhor o Daniel falar com ele.

– É, sem dúvida, essa é a melhor escolha – diz Felipe.

– O que é escolha, tio Felipe? – diz a pequena Bruna, se aproximando.

– Olá, Bruna! – diz Nina tomando a pequena menina no colo.

– Oi, tia Nina!

– Como a senhorita está? – pergunta Nina, acariciando os longos cachos loiros da menina.

– Estou bem, agora estou bem. Sinto que fiquei boa do câncer.

– Sim, agora você está curada do câncer – diz Felipe, acariciando o rosto da jovem menina de apenas cinco anos.

Nina aperta Bruna contra seu corpo e acaricia a face da menina.

– Mas tia, me responda: o que é escolha?

– Escolha é aquilo que você decide sozinha, Bruna – diz Nina.

– Quer dizer que escolha é tipo escolher com quem vou brincar?

– Sim, é tipo isso. Nós aqui chamamos de livre-arbítrio – diz Felipe apontando o indicador direito para Bruna.

– Eu acho mais bonitinho esse nome. Como é mesmo, tia Nina? Livre-...

– ...-arbítrio, Bruna, livre-arbítrio.

– Isso... Eu acho mais bonitinho esse nome. Eu agora já sei o que é e vou usar meu livre-arbítrio para escolher meus amiguinhos para brincar. Tia, a senhora pode me colocar no chão, por favor?

– Claro, madame... – diz Nina sorrindo.

– Tchau, tia! Tchau, tio! – diz Bruna correndo para brincar com as outras crianças.

Nina e Felipe se entreolham e sorriem.

– Voltemos ao nosso assunto. Diga-me, você vai conversar com Daniel sobre esses irmãos que foram resgatados?

– Felipe, a Raquel não foi resgatada.

– Não?!

– Não. Só o Fernando foi trazido para cá.

– Meu Deus! – diz Felipe.

– Vamos até a sala de Daniel? – diz Nina.

– Sim, vamos.

– Só espere um pouco, preciso falar com a Tália sobre as crianças – diz Nina.

– Sim, a Tália está na sala três dando aula – diz Felipe.

– Obrigada! – diz Nina se distanciando.

Alguns minutos após passar as recomendações a Tália, Nina volta a encontrar-se com Felipe.

– Vamos, Felipe?

– Sim. Vamos, Nina.

“Cada dia que amanhece assemelha-se a uma página em branco, na qual gravamos os nossos pensamentos, ações e atitudes. Na essência, cada dia é a preparação de nosso próprio amanhã.”

Chico Xavier



Revelação

Nina e Felipe chegam ao amplo galpão onde fica a parte administrativa da colônia. Logo na entrada, há uma grande sala de recepção onde Marques, auxiliado por mais seis assistentes, coordena os atendimentos feitos pelas diretorias responsáveis por todo o trabalho da colônia.

– Bom dia, Marques!

– Bom dia, Nina! Olá, Felipe!

– Oi, Marques, como vai?

– Estou bem e vocês?

– Estamos ótimos – diz Nina.

– Marques, por gentileza, há alguma possibilidade de o Daniel nos atender? – pergunta Nina.

– Ele está com um pessoal que chegou da Colônia Nosso Lar. Mas acredito que não vá demorar muito ainda.

– Será que podemos esperar? – diz Felipe.

– Claro, Felipe! Como você sabe, Daniel adora Nina e certamente fará questão em atendê-los, é só esperar um pouco.

– Nós vamos esperar, Marques; se você puder, avise-o que estamos aqui – diz Nina.

– Vou avisá-lo, pode deixar. Agora sentem-se, que já volto.

– Obrigada, Marques – diz Nina.

– Obrigado, Marques – diz Felipe.

– De nada, agora se me dão licença...

Marques afasta-se em direção à sala de Daniel.

Após algum tempo ele volta.

– Nina, falei com ele. Ele pediu para vocês aguardarem, pois a reunião já está terminando. Disse ainda que precisa mesmo falar com vocês. Pediu-me para lhes servir água. Vocês aceitam?

– Não, Marques obrigada – diz Nina.

– E você, Felipe?

– Obrigado, Marques, mas eu também não quero – diz Felipe, ajeitando-se na confortável cadeira branca.

– Vamos esperar, logo ele os chamará – diz Marques, sentando-se em sua cadeira.

– Obrigada, Marques – diz Nina.

– E como estão as crianças, Nina? – pergunta Marques.

– Estão ótimas, felizes e radiantes com as transformações.

– Seu trabalho é o mais lindo que acontece em nossa colônia, não desmerecendo os outros irmãos que auxiliam tantos irmãozinhos que chegam desesperados da encarnação, mas trabalhar com crianças realmente é uma dádiva de Deus.

– Eu também acho, Marques, sinto-me privilegiada em poder auxiliá-las nessa fase tão importante de suas vidas.

– Sim, eu que o diga! – diz Felipe.

– É, Nina, Deus capacita Seus melhores soldados para as mais difíceis batalhas, e você tem se saído muito bem nesta nobre missão.

– Obrigada, Marques – diz Nina.

– Nina, você algum dia imaginou que após seu desencarne teria pela frente tão nobre missão? – pergunta Marques.

– Eu nem imaginava que tudo isso estava me esperando. Na verdade, como a maioria das pessoas encarnadas, nem certeza eu tinha da vida eterna, quiçá de uma eternidade de serviços aqui nesta maravilhosa colônia.

– É, Nina, infelizmente falta fé aos encarnados. Falta-lhes conhecer melhor o Criador – ressalta o nobre amigo.

– Já ouvi alguma coisa nesse sentido, conhecer o Criador e a criatura – diz Felipe.

– Você, Felipe, certamente em algum momento de sua existência estudou o Gênesis. É nele que está o maior ensinamento para que tenhamos a certeza da vida eterna.

– Você se lembra do que diz, Nina? – pergunta Marques.

– Perfeitamente! – diz Nina.

– Então conte-nos, Nina – diz Felipe.

– O livro de Gênesis afirma que o homem é um ser criado à imagem e semelhança de Deus: "Então disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança' […] Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou".

– Lindo, Nina! – diz Felipe.

– Sim, muito bonito este ensinamento. Só devemos lembrar que homem e mulher foram as formas criadas por Deus para que exercitemos nossas paixões – diz Marques.

– Sim. São as psiques, tão necessárias à evolução de todos os espíritos – diz Felipe.

– Isso mesmo, Felipe! A psique masculina, para exercitarmos algumas virtudes; e a psique feminina, para despertar nos espíritos encarnados o mais nobre sentimento de todos.

– Qual é esse sentimento, Nina? – pergunta Marques.

– O amor – responde Felipe.

– Obrigada, Felipe – diz Nina.

– Olha quem está vindo? – diz Marques levantando-se.

Daniel aparece acompanhado de mais dois iluminados e abre os braços carinhosamente para acolher Nina.

– Olha quem deu a honra de me esperar! – diz Daniel.

Nina, encabulada e envergonhada, acolhe-se nos braços de Daniel.

Um longo e carinhoso abraço é trocado entre Daniel e Nina. Felipe, Marques e os outros dois amigos espirituais assistem a tudo com um leve sorriso no rosto e alegria no coração.

– Daniel, você realmente é muito especial para mim – diz Nina.

– Olá, Felipe! – diz Daniel estendendo a mão direita em direção ao jovem rapaz.

Carinhosamente Felipe beija de forma suave a mão do nobre espírito de luz.

– O prazer é todo meu, Daniel, de estar ao seu lado – diz Felipe.

– Senhorita, me sinto lisonjeado em conhecê-la – diz Clarêncio, o nobre espírito, visitante de Nosso Lar.

– Obrigada, Senhor – diz Nina, estendendo a mão e cumprimentando o espírito visitante.

Felipe imediatamente cumprimenta o nobre amigo.

Lícias repete o gesto de Clarêncio e cumprimenta Nina.

– Senhorita, é um prazer conhecê-la pessoalmente visto que ouço tanto falar a seu respeito – diz Lícias.

– Espero que tenham falado bem de mim, nobre irmão – diz Nina.

– E quem se atreveria a falar mal de uma irmã tão cheia de luz? – diz Daniel.

Todos riem e se abraçam, despedindo-se dos visitantes.

– Até breve, Clarêncio – diz Daniel.

– Até breve, amigos – diz Lícias.

Assim, Clarêncio e Lícias se despedem e saem da Colônia Espiritual Amor & Caridade. Nina, Daniel e Felipe se encaminham em direção ao confortável gabinete do nobre dirigente.

– Então, Nina, a que devo essa visita tão ilustre? Sentem-se, por favor – diz Daniel, indicando as confortáveis cadeiras.

– Perdoe-me incomodá-lo mais uma vez, Daniel – diz Nina ajeitando-se na cadeira colocada à frente da imensa mesa branca onde Daniel despacha diariamente. – O Lucas me procurou com uma dúvida ferrenha, e fiquei com muita pena dele. Na hora não tive coragem de lhe falar a respeito, preferi conversar com você primeiro para me esclarecer melhor e assim, quem sabe, poderei explicar-lhe detalhadamente o que está acontecendo com Fernando e Raquel.

– Fernando é o jovem recém-chegado à colônia, é isso?

– Sim, ele acabou de ser resgatado pelo Lucas e pelo Índio lá no Umbral. Ele está sob os cuidados da doutora Sheila na enfermaria seis.

– Sei bem do que se trata – diz Daniel.

– Se não for incomodá-lo, Daniel... – diz Nina.

– De maneira alguma, Nina! Já está mesmo na hora de expormos a ele e a todos como funciona a sexualidade na vida espiritual, e na vida terrena. Já é hora de todos saberem a verdade – diz Daniel.

Marques, que vinha acompanhando Nina e Felipe e a tudo ouve, fica curioso e pede a Daniel para participar da reunião.

– Daniel, por gentileza, posso participar dessa reunião?

– Sim, Marques, claro que sim! – diz Daniel. – Sente-se amigo.

– Sente-se aqui ao meu lado, Felipe – diz Nina, apontando uma cadeira para Marques.

– Venha, Marques, sente-se – diz Daniel.

A sala de Daniel é enorme e tem uma grande mesa branca com algumas cadeiras dispostas à sua frente. Atrás do lugar onde Daniel está sentado há um telão onde são mostradas as vidas anteriores daqueles que precisam ver seu passado para melhor compreenderem sua situação atual. À frente há uma pequena mesa de vidro com uma jarra com água e alguns copos transparentes.

Ao fundo da sala há outra, menor, onde se veem um altar e um oratório daqueles que vemos nas capelas, onde nos ajoelhamos para rezar. Do alto, uma luz violeta permanece acesa. O ambiente é perfumado, e algumas flores dispostas em jarras decoram todo o recinto. Há cortinas brancas que suavizam o lugar.

Felipe senta-se na cadeira mais próxima a Daniel, e Marques fica um pouco mais distante, ao lado de Nina.

– Então, Nina, o Lucas está assustado com as revelações de Raquel e das notícias relativas à morte de Fernando?

– Sim, Daniel, ele não consegue compreender a homossexualidade como instrumento do desligamento. Ele ficou meio triste pelo fato de o Fernando ter sido assassinado simplesmente por ser gay. E além do mais, ela também foi morta pelo mesmo grupo, pois ela, a Raquel, também era homossexual.

– A Terra vive um momento muito especial, relacionada às opções sexuais dos encarnados. A sexualidade passa por transformações profundas, mas isso faz parte do processo evolutivo de todos. As opções sexuais estão se diversificando, e isso é bom.

– Como assim, Daniel? – diz Felipe.

– Lembre-se de que não cai uma folha de uma árvore sem que Ele permita.

– Sim, sabemos que tudo está interligado, tudo está intrinsecamente ligado – diz Nina.

– Essa é a lei – diz Daniel.

– Mas esse caso tem alguma particularidade, Daniel? – pergunta Marques.

– Sim, Marques esse caso tem suas particularidades – diz Daniel.

– Você pode nos contar?

– Claro que sim, Nina!

– Agora? – diz Felipe.

– Façamos assim: tragam o Lucas e convidem alguns amigos para que, juntos, possamos conhecer essa linda história de superação e resgate. Pode ser? – diz Daniel.

– Claro, Daniel! Posso convidar quem eu quiser? – diz Nina.

– Sim, Nina, você pode convidar quem quiser. Agende com o Marques um horário no salão nobre, e aproveito para mostrar a todos vocês como é que Ele age para auxiliar sempre seus amados filhos.

– Nossa, vai ser demais! – diz Felipe, empolgado.

– Posso marcar para amanhã mesmo? – diz Marques.

– Pode sim, Marques. Marque para amanhã no horário que achar melhor. Avise-me com antecedência, estarei presente com muita alegria em meu coração para poder mostrar a vocês tudo o que está relacionado à Raquel e ao Fernando.

– Nossa, Daniel! Como fico feliz com sua bondade! – diz Nina.

– Não se trata de bondade, Nina, e sim de amor – diz Daniel.

– Verdade, Nina, amor! – diz Felipe.

– Então, nos encontramos amanhã – diz Daniel, levantando-se da confortável cadeira.

– Sim, a que horas? – diz Felipe.

– Pode ser à tarde, ou você prefere pela manhã, Daniel? – pergunta Marques.

– Marques, confirme o horário em que eu possa ir até o salão principal. Dê uma olhada na minha agenda, organize tudo e me avise. Nina, obrigado por você ter vindo até aqui e me permitir passar a todos vocês esse ensinamento; e acima de tudo, revê-la me deixa muito feliz.

– Nós é que lhe agradecemos, Daniel, a oportunidade – diz Nina, emocionada.

– Obrigado, Daniel – diz Felipe levantando-se e cumprimentando o nobre espírito.

– Então nos encontraremos amanhã – diz Daniel, agora de pé.

Todos se levantam, se abraçam e se despedem. Daniel, sempre com alegria no coração, abraça Nina e Felipe despedindo-se com um sorriso e muita alegria.

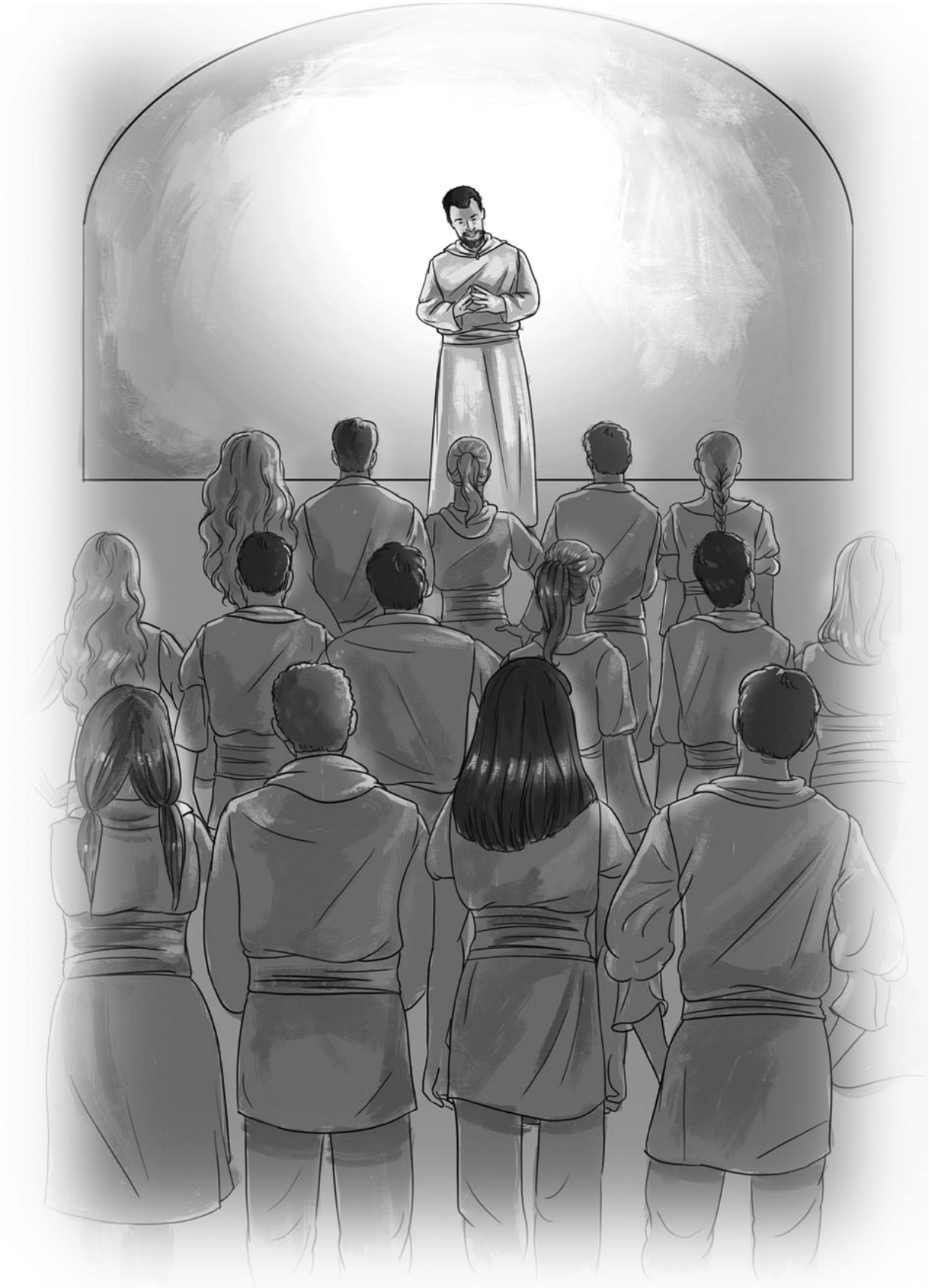
– Leve-os, Marques, por favor – diz Daniel indicando a porta.

– Sim, Daniel. Obrigado!

Todos voltam ao trabalho, que não para, em Amor & Caridade.

“Tudo tem seu apogeu e seu declínio... É natural que seja assim, todavia, quando tudo parece convergir para o que supomos o nada, eis que a vida ressurge, triunfante e bela!... Novas folhas, novas flores, na infinita bênção do recomeço!”

Chico Xavier



A primeira lição

O salão está lotado, aproximadamente duzentos espíritos estão sentados esperando a presença de Daniel. Na primeira fila estão sentados Nina, Felipe, Lucas, Rodrigo, Ernani, Mateus, Tália, Sheila, Soraya, Lola, Valéria, Porfírio, Candidiano junto a Lola e vários outros que trabalham diretamente com Nina e Felipe. O restante da assistência são espíritos que trabalham nas alas de adultos e demais salas de atendimento da Colônia Amor & Caridade.

Marques aproxima-se do centro do palco e anuncia a presença de Daniel.

– Senhoras e senhores, muito boa tarde!

– Boa tarde! – todos respondem.

– É com imenso prazer que anuncio a nobre presença de nosso iluminado presidente, o Irmão Daniel!

Todos ficam em pé e aplaudem a entrada de Daniel que se aproxima lentamente da parte central do palco com as mãos unidas como se estivesse agradecendo os aplausos.

– Obrigado! – diz Daniel.

Marques faz sinal para que todos se acalmem e se sentem.

Após todos se sentarem, Daniel toma a palavra, e pausadamente diz:

– Boa tarde a todos!

– Boa tarde! – respondem.

– A primeira lição que todos nós devemos aprender é agradecer. Agradecer por tudo e por todos. Agradecer as oportunidades e desafios. Agradecer ao Criador os momentos de lazer e os momentos de aprendizado que só conseguiremos realizar quando preenchemos todas as lacunas de nossa alma com sabedoria e amor. O amor é único. O amor é o deleite do espírito. É por meio do amor que conquistamos a tão sonhada evolução espiritual. Não adianta achar que a caridade por si só é o suficiente para encontrar a paz e o descanso necessários a todos os espíritos que repousam na erraticidade. Sabemos que o descansar é o desprendimento da necessidade da utilização da matéria física que tanto nos cansa e nos faz retroagir à nossa existência. Fardo pesado, mas necessário ao equilíbrio e à evolução de todos.

Agradecer é o primeiro ensinamento do Cristo Jesus, quando nos alerta nas bem-aventuranças e quando nos diz que o perdão é o instrumento de redenção da alma. Perdoai setenta vezes sete, dizia o nobre, querido e amado Irmão.

Uma simples dúvida e angústia é o suficiente para que Ele permita a nós que passemos adiante os ensinamentos necessários ao processo evolutivo da humanidade. Para mim, bastaria responder com simplicidade ao questionamento do querido irmão Lucas e tudo estaria esclarecido. Mas ordens superiores nos permitem trazer nas linhas dessa jornada instruções que serviram de base para o caminhar necessário da humanidade.

Agradeço ao Lucas a determinação e insistência em saber a verdade, pois quando se busca a verdade com sinceridade ela faz questão de mostrar-se em sua plenitude. Essa é a determinação daquele que crê que Ele está acima de tudo, e que tudo é gerenciado por nós, espíritos superiores, seus auxiliares em conhecimento, mas jamais superiores a qualquer que seja a

alma criada pelo Criador. Somos todos frutos da mesma árvore. Alguns serviram de alimento para a eternidade, outros deixaram levar-se pelo orgulho e se tornaram frutos podres, mas que dentro de si carregam a semente que continuará a germinar pela eternidade. Nada se perde, tudo se renova, tudo se cria, tudo se reinventa dentro das normas e leis da Criação.

Somos nós o resultado de nossas escolhas e de nossa coragem, de nossas experiências e aprendizados. Aqueles que têm pouca fé se transformam em alvo fácil dos que buscam apagar a luz da verdade. Mas aqueles que creem com fervor, esses são assistidos diretamente pelos espíritos mais puros dos universos de luz. E pelos anjos da guarda enviados diretamente pelo Criador.

Para tanto, basta crer que quem vos criou, vos ama profundamente e toma conta de toda a Sua criação a todo instante. Nenhum filho d'Ele está ou estará desassistido ou sozinho. Mesmo nas regiões mais difíceis ou remotas do universo haverá sempre um operário de luz para aquecer e iluminar almas sofridas e perdidas. Ele permite que tudo viva, permite que vossas decisões de hoje sejam o único instrumento que vos levará para a luz, necessária a todos os Seus filhos, pois àquele que muito precisa, muito lhe será dado; aquele que de nada precisa, precisará ser auxiliado, são os que vivem na escuridão. Sabemos que é dando que se recebe e é perdoando que se consegue o perdão, e é amando que conseguiremos ser amados. É auxiliando que seremos auxiliados. Tudo se comunica, tudo está ligado à Criação, basta crer, amar e seguir e tudo lhe será acrescentado.

Para que possamos iniciar nosso estudo de hoje é necessário agradecermos esse encontro e principalmente essa oportunidade. Vamos orar?

– Sim, vamos, Daniel – respondem todos os presentes.

Daniel ajoelha-se, olha para o alto e começa a orar.

Todos se ajoelham seguindo a orientação do mentor.

Oremos...

Senhor Deus, Criador de todas as coisas, Pai das horas de aflição. Venho humildemente à Tua presença para suplicar-Te por todos aqueles que neste exato momento se encontram em aflição. Senhor, nós, dessa humilde colônia, pedimos a Ti que nos permita aprender um pouco mais com as nossas dores. Que possamos iluminar os que se encontram na escuridão. Que nossos corações continuem a amar-Te profundamente e que eu consiga cumprir a tarefa a que Tu me impuseste. Agradecer é necessário. E nós queremos muito Te dizer que estamos felizes com os desafios ora apresentados à nossa missão e dizer-Te que jamais iremos desistir de Tua obra, porque pobre é o espírito que não confia em Tuas verdades. Triste é viver sem a Tua presença.

Obrigado, Senhor, por este dia.

Em Tuas graças depositamos nossa fé.

Frei Daniel

Todos se sentam, e Daniel pede a Marques que abaixe o telão localizado atrás do palco como uma grande tela de cinema.

– Marques, por favor, peça que abaixem o telão. Vou pedir que nos seja mostrada uma das vidas da família de Fernando e Raquel para que possamos compreender melhor os desígnios de Deus e assim aprender com esses sofridos irmãos que tudo vale a pena quando o amor está depositado em nosso coração.

– Sim, Daniel, com licença – diz Marques afastando-se do palco.

Todos permanecem em silêncio profundo.

Lentamente a tela abaixa e a intensidade das luzes é reduzida como se todos estivessem em um cinema. Logo a vida de Fernando e Raquel começa a ser mostrada.

"A questão mais aflitiva para o espírito no Além é a consciência do tempo perdido."

Chico Xavier



A vida

Em uma maternidade de São Paulo

– Querida, Deus nos deu dois filhos lindos: um menino, como sempre sonhei; e uma menina, como sempre você sonhou. Somos e fomos certamente abençoados.

– É, querido, não precisaremos brigar pelo carinho de nossos filhos. Temos um menino e uma menina como sempre sonhamos. E melhor de tudo, gêmeos!

– Você está bem, querida? – pergunta Roberto.

– Sim, só um pouco dolorida e cansada; afinal ter dois filhos de parto normal não é fácil, mas graças a Deus tudo correu como esperado e em breve estaremos em nossa casa.

– Sim, querida, as crianças estão bem e sadias; só dependemos agora de sua recuperação para podermos ir para casa. O médico me disse que nunca tinha visto crianças tão saudáveis.

– Acredito que amanhã o médico me dará alta. Aí poderemos ir para casa. Mamãe deve estar ansiosa para ver as crianças e saber notícias minhas.

– Sim, ela já ligou aqui para o hospital para saber notícias suas.

– Você falou com ela, Roberto?

– Não, querida, a enfermeira foi quem me disse que ela ligou para cá muito preocupada.

– Será que ela está bem?

– Sim, Marly, não se preocupe. Sua mãe está ansiosa para saber sobre as crianças, afinal ela estava até mais ansiosa que nós dois juntos.

– Ela foi quem me acompanhou durante toda a gestação. É natural que esteja muito preocupada e ansiosa. Mamãe é assim.

– Sim, querida, compreendo. Como você sabe, tenho pouco tempo para lhe dedicar. Mas prometo que agora vou reduzir um pouco minhas horas extras e acompanhar mais de perto o crescimento de meus lindos filhos.

– Espero né, Roberto. Nós já conversamos sobre isso. Agora precisarei de sua ajuda.

– Eu sei, querida, e prometo que não vou decepcioná-la.

– Espero querido, espero...

Roberto se aproxima de Marly e a beija suavemente na face.

– Agora descanse, querida; aproveite que eles já mamaram e descanse um pouco.

– Vou descansar sim, Roberto, estou mesmo muito cansada.

– Eu vou lá fora. Descanse, depois eu volto.

– Vai fumar, não é?

– Infelizmente esse é o meu maior prazer. Além, é claro, da minha cervejinha nos fins de semana com meus amigos.

– O vício de fumar ainda vai lhe causar lesões sérias, Roberto, pare de fumar enquanto você ainda é jovem, homem! Saiba que a partir de hoje você não vai mais poder fumar dentro de casa. Não quero meus filhos

respirando esse veneno! E se você parasse de beber, poderíamos economizar esse dinheirinho para comprar nossa casa própria e, quem sabe, sairmos do aluguel.

– Pode deixar, querida, a partir do momento em que as crianças estiverem em casa eu passo a fumar no quintal. Fique tranquila.

– Espero – diz Marly olhando seriamente para Roberto.

– Agora descanse, Marly, descanse.

Roberto sai do hospital para fumar, enquanto Marly descansa.

No dia seguinte logo pela manhã o casal é visitado pelo doutor Norberto, médico responsável pelo parto de Marly.

– Bom dia, Marly!

– Bom dia, doutor!

– Bom dia, doutor! – diz Roberto.

– Vejo que a senhora já se encontra bem. Vim me despedir e lhe passar algumas recomendações.

– Ah, doutor, que bom! – diz Marly sorrindo.

– Vamos poder ir para casa, doutor?

– Sim, Roberto, Marly e as crianças estão de alta. Já podem retornar a seu lar e cuidar dos gêmeos.

– Nossa, que bom, doutor Norberto! Quero lhe agradecer a atenção e o carinho. Muito obrigada por tudo, doutor – diz Marly, emocionada.

– Você não tem que agradecer. Agora é descansar, repousar e amamentar muito bem seus dois anjinhos.

– Obrigado, doutor – diz Roberto.

Simone, a enfermeira, entra na sala trazendo nos braços os dois bebês. Fernando e Raquel estão dormindo no colo da jovem enfermeira.

– Olha, querida, os nossos bebês – diz Roberto.

– Obrigada, doutora, pela atenção e carinho com os nossos filhos – diz Marly, agradecendo a enfermeira Simone.

– Não tem de que, senhora. E olhe, não sou doutora, sou uma simples enfermeira.

– Desculpe-me, Simone – diz Marly.

– Não tem de que, senhora. As crianças já estão de banho tomado e limpinhas. Agora é só você cuidar delas e tudo ficará bem – diz Simone, colocando os bebês ao lado de Marly.

– Obrigada, querida.

– Bom, aqui terminamos esta fase. Daqui a quinze dias voltem para me visitar, quero ver se tudo está bem com você, Marly – diz doutor Norberto.

– Pode deixar, doutor. Daqui quinze dias voltaremos para o senhor olhá-la – diz Roberto.

– Ok, então vocês já podem ir para casa.

– Obrigada, doutor – diz Marly, levantando-se da cama.

– Vou deixá-los a sós para que você possa trocar de roupa. E assim que terminar e estiver tudo arrumado, me chame para acompanhá-los até a porta de saída do hospital – diz Simone se afastando.

– Obrigada, Simone – diz Marly.

– Venha, querida, trocar de roupa para podermos ir embora.

Marly e Roberto deixam o hospital felizes com seus filhos no colo.

Orgulhoso, Roberto carrega o menino Fernando, enquanto Marly, cuidadosamente cuida de Raquel.

Após algumas horas finalmente eles chegam em casa onde Eleonor aguarda ansiosa para abraçar sua filha Marly e ajudá-la nos cuidados com seus netos.

“O tempo não se ocupa em realizar as nossas esperanças: faz o seu trabalho e voa.”

Eurípedes



Cinco anos depois

Marly está em uma linda praça próxima à sua casa. Nesse local todos os dias ela leva as crianças para brincar após saírem da creche. Raquel e Fernando são as sensações do lugar. Gêmeos, eles chamam a atenção de todos por onde passam. Orgulhosamente Marly procura vesti-los com roupas iguais, afinal o menino e a menina são realmente muito bonitos e parecidos.

Eleonor, atendendo ao chamado da filha, aproxima-se para conversar com Marly. Algo não está bem. Eleonor é uma avó muito presente e percebe que Marly está infeliz.

Raquel e Fernando ficam na mesma creche. Eles agora têm sete anos.

Eleonor chega ao lugar.

– Oi, filha!

– Oi, mamãe!

– Cadê as crianças?

– Estão ali – aponta com o dedo um parquinho cercado com areia de praia onde as crianças se divertem fazendo pequenos castelos.

– Olha que lindo! E você, como está, minha filha? Você me disse que está angustiada... O que houve?

– Ah, mamãe, não sei o que está acontecendo. Estou muito triste.

– Mas o que houve, Marly?

– Mamãe, fui chamada na creche das crianças esta semana. A diretora recomendou que eu procurasse uma psicóloga para o Fernando.

– Deus, mas o que houve?

– Ela me disse que está tendo uns problemas com ele. Disse com muito carinho e leveza que o Fernando é muito afeminado, e que até o banho que normalmente as crianças tomam em grupo, está impedida de fazer com o Fernando. Ela disse que ele não se interessa pelas atividades masculinas e vive perturbando as meninas pegando as bonecas... Enfim, ela acha que o Fernando é muito afeminado.

– Meu Deus, claro que não! Crianças são assim – diz Eleonor.

– Foi isso que argumentei com ela, mas ela diz ser experiente e que o melhor a fazer é procurar um tratamento para ele. Disse que nessa idade é recomendado um tratamento.

– Vou falar com essa mulher – diz Eleonor, irritada.

– Não, mamãe, ela foi muito gentil comigo; ela não acusou o Fernando de nada. Ela só me orientou, apenas isso. E quer saber, mamãe? Ouço uma voz falar dentro de mim que o Fernando é diferente. Ele tem comportamento de menina, até lá em casa evito que o Roberto veja as coisas que o Fernando faz e fala. Vivo escondendo ele das pessoas, tenho vergonha.

– Essa diretora não pode achar que meu neto é uma bicha. E isso certamente é coisa da sua cabeça. Você não tem experiência com crianças.

– Mamãe, pelo amor de Deus, não é nada disso! Eu também estou tendo muitas dificuldades com o Fernando, como estou tentando lhe dizer. Você não me escuta.

– Como assim? Quais dificuldades? Conte-me.

– Ele não quer brincar com coisas de menino em casa. Ele vive vestindo as roupas de Raquel. Dia desses peguei-o passando batom e se dizendo menina. Ele me pede para pintar suas unhas. Eu digo que isso não é coisa de menino. Ele vive cantando, diz que quer desfilar, daí pede para vestir as roupas de Raquel. Eu entro em desespero, não sei o que dizer.

– E você nunca me contou nada disso... – diz Eleonor, irritada.

– Calma, mamãe! Eu nunca lhe falei nada, porque achava que isso era uma fase dele. Eu acho que isso vai passar.

– Mas com essas coisas não podemos dar bobeira.

– Mamãe, se o Fernando optar por ser homossexual nada vai mudar em meu coração. Ele é meu filho e eu o amo profundamente. Outro dia ele me disse que ele era uma menina e que estava no corpo errado. Fiquei supernervosa. Mas depois ele se aproximou de mim e começou a acariciar meu rosto, disse para eu não ficar nervosa que tudo se ajeitaria. Eu fico muito assustada, ele é apenas uma criança. Mas ele tem uma maturidade que me surpreende.

– Nossa! – diz Eleonor.

– Ele é muito carinhoso. Tenho fé que tudo isso vai passar. Acho que o fato de serem gêmeos fez alguma mudança dentro dessas crianças. Ele diz que está no corpo errado, e Raquel não gosta de brinquedos de menina. Estou ficando louca. Parece que Fernando nasceu no corpo de Raquel e que ela nasceu no corpo dele. Sei lá, uma loucura que eu não consigo entender.

– Como assim?

– Raquel não é chegada a brincadeiras de menina. Ela gosta de futebol, andar de carro, enfim, coisas de menino. Mas eu converso com ela e ela me diz que está tudo bem. Que eu me acalme, pois tudo ficará bem. Eu, sinceramente, não estou preocupada com a sexualidade dos meus filhos; o que me deixa preocupada é com o preconceito. E se realmente eles

escolherem ser homossexuais sofrerão muito, pois as pessoas são muito preconceituosas. Roberto, então, nem se fala. Eu acho que enfarta se isso acontecer.

– Eu sei, filha, e também penso como você. Mas falando nisso, o que o Roberto acha disso tudo?

– Roberto mal vê essas crianças, mamãe. Ele sai muito cedo para trabalhar, e quando chega do trabalho, sempre bêbado, as crianças já estão dormindo. Nos fins de semana se mistura com os amigos e só faz beber. Nunca trocou uma fralda dessas crianças.

– Eu lhe falei que ele não era um bom homem para você?

– A vida é assim, mamãe. Apesar de todos os defeitos, é ele quem põe alimento dentro de casa. Mal ou bem, nada nos falta.

– A vida é sua. Você escolheu assim – diz Eleonor, irritada.

– Sim, mamãe, eu só pedi para você vir aqui porque estou com essa angústia em meu coração. Tenho vontade de chorar, eu precisava desabafar, só isso – os olhos de Marly se enchem de água.

Carinhosamente, Eleonor abraça a filha.

– Eu estou aqui, filha, fique calma! Quer que eu procure uma psicóloga para o Fernando? Eu tenho uma amiga. Se você permitir, posso falar com ela.

– Ah, mamãe, você faz isso por mim?

– Claro, Marly! Sou sua mãe, lembre-se sempre disso.

– Obrigada, mãe!

Marly abraça carinhosamente Eleonor enquanto Fernando e Raquel se aproximam.

– Só tem um problema...

– Qual, mamãe?

– A minha amiga é voluntária em um centro espírita, aquele que lhe falei, onde tenho frequentado. Ela é uma psicóloga muito famosa e cara também, mas posso pedir para atender o Fernando lá no centro espírita. Assim ela o atenderá de graça e você não gasta nada.

– Ah, mamãe, você sabe que não gosto muito dessas coisas de espiritismo. Eu não acredito nisso.

– Filha, eu também era como você. Eu também tinha dúvidas e muito preconceito com relação ao espiritismo. Até o dia em que descobri esse centro espírita perto de minha casa. Conheci pessoas sinceras, verdadeiras, pessoas que só querem ajudar. Sabe o que eles me ensinaram lá?: *"A vida não se resume a esta vida"*. E eu acredito muito nisso.

– *Tá* bem, mamãe, se você confia, pode levar o Fernando para sua amiga olhá-lo; será que ela pode olhar o Fernando e a Raquel?

– Claro que sim, eu peço a ela para olhar os dois. Que bom, minha filha! Façamos assim: vou ligar para ela assim que chegar em casa. Vou pedir para ela marcar o atendimento. Depois lhe aviso. Daí iremos juntas conversar com ela.

– Obrigada mais uma vez, mamãe. Mas eu não quero ir ao centro espírita. Você pode levar as crianças, sem problemas.

– Preconceito bobo o seu. Mas pode deixar. Eu levo as crianças para a doutora olhar. Olhe, eles estão chegando.

Fernando e Raquel, ao perceberem a presença de Eleonor, saem correndo ao encontro da avó.

– Oi, vovó! – diz Fernando pulando no colo de Eleonor.

– Oi, meus amores! – diz Eleonor abraçando os netos.

Fernando e Raquel passam aquela tarde de outono abraçados, sorridentes e felizes ao lado de Eleonor e Marly.

Marly se acalma e fica feliz.

“Os homens semeiam na terra o que colherão na vida espiritual: os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.”

Allan Kardec



Quinze anos

– Bom dia, doutora!

– Bom dia, Fernando. Como você tem passado?

– Bem, muito bem, e a senhora?

– Tudo bem, sente-se – diz Mirna. – Cadê a Raquel?

– Mirna, já estou me tratando com você há bastante tempo, não é? Raquel disse que só virá no mês que vem, está enrolada com as provas na escola.

– Sim, Fernando, desde que você, aliás, vocês, tinham sete anos.

– Venho frequentando o centro espírita desde então e participando da evangelização infantil e das reuniões de passe e ainda por cima assisto às palestras para as quais sou convidado. Raquel, como você sabe, é a minha fiel escudeira. (Risos)

– Sim, Fernando, e me sinto muito orgulhosa com seus avanços dentro da doutrina espírita, vocês estão indo muito bem.

– É, Mirna, mas tem sido uma vida de muito sofrimento para mim. Não consigo ser feliz. Os olhares, os comentários e a discriminação me fazem muito mal. Sou uma pessoa muito infeliz, às vezes tenho vontade de desistir de tudo, tenho vontade de me matar.

– Explique-me, Fernando!

– Como você sabe perfeitamente, Mirna, eu não sou feliz. Sinto-me aprisionado em um corpo que não me pertence. Trago em meu coração uma enorme tristeza. Mas ao mesmo tempo não quero ser a desgraça da família, como meu pai diz.

– Fernando, já conversei com sua avó sobre sua condição e opção sexual. Falei e expliquei a ela o quanto você precisa de apoio e carinho, principalmente dentro de sua casa.

– Eu não vejo a felicidade na minha frente. Meu pai já me espancou várias vezes. Ele me maltrata muito. Ele me bate e me xinga. Diz que eu sou a desgraça de sua vida e vive bêbado jogado pelas ruas do bairro. Sinto-me culpado de tudo e não estou conseguindo superar isso. Acho que realmente sou a desgraça da família.

– Como já lhe expliquei, você não é culpado de ter nascido assim.

– Mirna, eu não consigo mais enganar as pessoas. Dentro de mim há uma revolta muito grande, e se eu não parar de fingir ser aquilo que não sou, certamente nunca encontrarei a felicidade.

– E foi exatamente isso que conversei com sua avó. Como você sabe, sua mãe não é muito de vir à casa espírita e muito menos de me procurar para conversarmos a seu respeito. E certamente o seu problema não é questão de tratamento espiritual. A casa espírita é o lugar aonde você encontrará apoio e amor. Nós estamos aqui para te amar, Fernando. Se ela pelo menos frequentasse as reuniões públicas, se sua mãe viesse aqui, talvez pudéssemos ajudar toda a sua família.

– É o jeito de minha mãe. Ela é ressabiada com o espiritismo. Eu mesmo já conversei e até convidei-a diversas vezes para vir comigo à casa espírita. Meu pai diz que meu jeito afeminado é por causa do espiritismo; ele grita comigo dizendo que o diabo tomou conta do meu corpo e me faz

ser assim. Pobre ignorante! Eu o compreendo, mas minha vida é uma vida de tristezas e dor.

– Sim, eu não estou reclamando, Fernando, só acho que precisamos de uma reunião entre todos os envolvidos para que eu possa explicar a seus pais sua condição e opção. Explicar para eles que você não está doente. Explicar que ser gay não é ruim. Que ser gay não é uma doença.

– Você quer que eu fale com minha mãe sobre isso? Eu posso tentar de novo.

– Sim, Fernando, eu mesma já mandei diversos recados por intermédio de sua avó para marcarmos esse encontro e sua mãe vive inventando desculpas. Acho sinceramente que no fundo ela não quer ouvir o que eu tenho para lhe dizer.

– Minha mãe é a melhor mãe do mundo. Mas para esse assunto ela realmente é uma pessoa fraca. Eu acho que ela nunca virá ao centro espírita. Lá em casa ela evita falar dessas coisas.

– Compreendo. Mas o quanto antes resolvermos essa questão, menos será o sofrimento, se é que isso é sofrimento para alguém.

– Preciso que tudo seja revelado aos meus pais. Eu converso muito com Raquel e ela acha que a opção sexual é coisa que só nós mesmos é que podemos resolver.

– Ela tem razão, apesar da pouca idade – diz Mirna.

– Minha irmã é a minha melhor amiga.

– Certamente ela é e será sempre sua melhor companheira, Fernando.

– Como você está na escola?

– Tirando a implicância dos meninos e o preconceito de alguns, tudo bem! Minhas notas são excelentes.

– Você não tem tido mais problemas com aquele menino, especificamente falando?

– Não. Ele jamais vai compreender o amor que sinto por ele. Eu já decidi, se ele não quer mais, nada posso fazer.

– Isso, Fernando, você não pode impor seus sentimentos às pessoas, ninguém é obrigado a ficar ou amar alguém.

– Essa questão já está resolvida dentro de mim. Agora eu quero é me dedicar ainda mais aos estudos e, se Deus permitir, realizar o meu sonho.

– E qual é o seu sonho?

– Terminar os estudos em algum país fora do Brasil.

– Ah, aquele assunto que você havia conversado comigo?

– Sim, aquele mesmo! Aqui no Brasil ser homossexual é problema. Existem países em que a homossexualidade é coisa normal. E eu vou conseguir.

– Com certeza! Se você continuar a tirar as notas que tira na escola dificilmente uma escola, mesmo que fora do Brasil, rejeitará um aluno como você.

– Obrigado, Mirna. Sabe, vendo o sofrimento de minha mãe, tudo o que ela passou e passa, meu pai um alcoólatra que tanto a maltrata... Preciso vencer na vida para poder tirar o sofrimento da vida dela e de minha irmã. Minha avó, então, nem se fala.

– Você vai conseguir, Fernando, você vai conseguir...

– É por isso que meto a cara no estudo. Tenho certeza que irei conquistar meu espaço, mesmo que seja distante daqueles que eu mais amo.

– Converse com sua mãe, sua irmã e sua avó. Convença-as a vir com você. Basta ligar para mim e marcarmos o dia e a hora; será de grande valia

esse nosso encontro. Seu pai eu nem preciso falar. Se esse milagre fosse possível, eu rogaria a Deus para que ele viesse à casa espírita para ser tratado e, quem sabe, compreender suas escolhas.

– Na verdade não escolhi ser assim. Eu nasci assim. Às vezes sinto nojo de tocar em mim mesmo. Quando preciso ir ao banheiro ou até mesmo no banho eu sofro muito, sinto-me aprisionado num corpo de homem quando dentro de mim o que existe é uma mulher. É uma luta constante que me faz muito mal.

– Perdoe-me, Fernando, eu sei que você não escolheu ser assim, você nasceu assim, e isso é verdade. Vocês, homossexuais, sofrem muito. Rejeitar seu corpo é natural.

– Sim, eu nasci uma mulher num corpo de homem. Vai saber por quê!

– A doutrina espírita tem a resposta para isso – diz Mirna.

– Eu sei, já sou um *expert* nesse assunto. (Risos)

– Que bom que você sabe! – diz Mirna.

– Bom, doutora, o papo está bom, mas tenho que ir para a escola. Vou me encontrar com Raquel no caminho.

– Vá com Deus, Fernando!

– Mais tarde estarei de volta para auxiliar no atendimento fraterno.

– Eu não estarei aqui. Vou atender hoje em meu consultório e tenho pacientes até tarde.

Fernando se levanta e beija suavemente a face de Mirna, despedindo-se dela.

– Tchau, querido!

– Tchau, Mirna!

Todos no centro espírita têm respeito e admiração por Fernando. Jovem e inteligente, ele é muito dedicado ao auxílio de todos que buscam ajuda naquele humilde centro espírita.

Fernando caminha pela avenida principal indo ao encontro de Raquel que o espera em uma esquina próxima da escola.

Alguns comentam a passagem do menino pela rua, xingando-o e ofendendo-o com palavras de baixo calão.

Nada muda a postura do jovem rapaz que após colocar seus fones de ouvido caminha rapidamente ouvindo suas músicas.

Após algum tempo ele finalmente chega ao encontro da irmã.

– Oi, Raquel!

– Caramba, você me deixou aqui esperando! – diz Raquel.

– Eu estava com Mirna na casa espírita, esqueceu que hoje eu tinha consulta?

– Hoje era dia de seu tratamento? Caraca, esqueci mesmo...

– Sim. Mas não demorei muito com ela, fui breve. Ela perguntou por você.

– E o que você disse?

– A verdade, eu lhe falei das provas que você tem que fazer na escola.

– Acho sinceramente que você vai viver pelo resto da vida neste tratamento com a Mirna – diz Raquel.

– Eu a amo – diz Fernando.

– Eu sei – diz Raquel.

– Venha, vamos para a escola; já estamos atrasados.

– Eu até posso perder a primeira aula – diz Fernando.

– Você pode, seu *nerd*, mas eu ainda estou devendo notas.

– Então vamos acelerar o passo – sugere Fernando.

Fernando se sente mais seguro caminhando ao lado de Raquel, e as provocações aumentam na rua.

Os olhares, as palavras de ofensa não mexem mais com Fernando que segue determinado.

“O tempo de Deus é eterno. O tempo de Deus já existia antes de qualquer coisa, antes mesmo da existência.”

Osmar Barbosa



O limite

Após um dia exaustivo, Fernando e Raquel chegam em casa. Chegam na hora do jantar. Marly já tem tudo preparado sobre o fogão. Cobertas com um pano de prato e um bilhete, as panelas ainda aquecidas aguardam a chegada de Fernando e Raquel para o jantar.

– Olha, Fernando, mamãe já deixou tudo pronto.

– Onde será que mamãe se meteu, meu Deus?!

– Não sei, mas olhe, tem um bilhete aqui – diz Raquel pegando o pequeno pedaço de papel.

– Leia – diz Fernando.

"Fernando e Raquel eu tive que sair para resolver uma questão com sua avó. O jantar está pronto. Após jantarem, lavem a louça. Beijinhos mamãe."

– Onde será que mamãe se meteu? – diz Raquel.

– Não faço a menor ideia.

– Venha, Fernando, vamos jantar.

Raquel então prepara o prato do irmão e o seu, e jantam alegremente. Após o jantar, Raquel está lavando a louça na pia enquanto Fernando está sentado à mesa conversando alegremente com ela quando são surpreendidos

com a chegada de Roberto que, cambaleando, encosta-se à porta da cozinha e diz:

– Aí estão um viado e uma piranha.

– Que isso, papai? – diz Raquel.

– Que horror! – diz Fernando.

– De hoje vocês não me escapam – diz Roberto segurando um pedaço de madeira com a mão direita.

Fernando instintivamente protege Raquel do agressor que aproxima-se furioso e começa a desferir golpes no jovem menino.

A pancadaria não tem fim. Raquel sai correndo para a rua para pedir ajuda. Não há ninguém disposto a ajudar.

Raquel implora por ajuda.

Após meia hora, Roberto sai todo ensanguentado para a rua onde Raquel se encontra. Ele se aproxima da filha que não consegue se mexer e, parada, fica a olhar para o pai.

– Agora vai lá e salva aquele viadinho – diz Roberto se afastando.

– Meu Deus! – diz Raquel correndo em direção à sua casa.

Uma vizinha de nome Sandra se aproxima e tenta ajudar a menina.

– Eu vou lhe ajudar, Raquel. Cadê sua mãe?

– Eu não sei, ela não estava em casa quando chegamos. Vem, me ajuda a achar meu irmão, por favor!

Raquel entra na cozinha que está coberta de sangue, mas não encontra Fernando. Ela, auxiliada e amparada por Sandra, vasculha toda a casa à procura do jovem rapaz. O silêncio é grande.

– Fernando! Fernando! Onde está você? – grita Raquel.

– Olha, ele está ali! – diz Sandra.

– Meu Deus! – grita Raquel.

Fernando está caído, desmaiado no pequeno banheiro próximo aos quartos.

Raquel corre para socorrer o irmão.

– Sandra, por favor, arrume alguém para levar meu irmão para o hospital!

– Vou lá fora tentar conseguir alguém para nos ajudar – diz Sandra, muito preocupada com o lastimável estado de Fernando.

Ao sair à rua, Sandra percebe a chegada de Marly e Eleonor.

Marly e Eleonor, ao se aproximarem da casa e verem uma pequena multidão em frente a seu portão, se desesperam.

– Mamãe, o que será que aquela gente toda está fazendo em frente à minha casa?

– Meu Deus, o que será que está acontecendo?! Venha, Marly, vamos correr – diz Eleonor, assustada.

Assim elas aceleram o passo para chegar à casa e ver o que realmente está acontecendo.

A cena é terrível. Os vizinhos tentam acordar Fernando que permanece desmaiado com vários cortes na cabeça e hematomas espalhados pelo rosto. Muito sangue está espalhado por toda a casa. Parece que ele tentava fugir das pancadas correndo entre os cômodos da pequena residência.

Sandra, a vizinha, mais experiente, cobre a cabeça de Fernando com toalhas molhadas à espera do socorro já solicitado.

Marly entra desesperada à procura dos filhos. Logo ao chegar à sala ela não resiste e desaba ao ver seu filho amado sofrendo.

Fernando respira com muita dificuldade.

– A ambulância já está chegando – grita Adalberto, o vizinho que solicitou o resgate.

A sirene é ouvida por todos. Logo um médico adentra a casa e segue para socorrer o rapaz.

Marly é acudida por Eleonor, que em choque, não sabe o que fazer.

– O que houve? – pergunta o médico.

– Meu pai bateu nele – diz Raquel.

– E onde está seu pai?

– Ele fugiu – diz a menina.

– Com o que ele bateu no menino?

– Com um pedaço de pau, doutor.

– Você é irmã dele?

– Sim.

– E onde está sua mãe?

– Eu não sei.

– Ela está aqui, doutor. Ela também precisa de ajuda – grita Sandra junto a Eleonor que estão acudindo Marly na cozinha.

– Eu já vou aí. Deixe-me examinar primeiro o menino. Afasta-se, menina, por favor!

Raquel não quer desgrudar do irmão.

– Afaste-se, menina, pode deixar eu vou cuidar dele – diz Leonardo, o médico socorrista.

Raquel deixa o irmão e vai até a cozinha olhar pela mãe e pela avó.

– O que houve, Raquel? – pergunta Eleonor.

– Meu pai espancou o Fernando com um pedaço de pau.

– Mas o que foi que o Fernando fez? – pergunta Eleonor.

– Nada, nós tínhamos acabado de jantar, daí ele chegou com um pedaço de pau na mão e começou a bater no Fernando, que me protegeu para que eu também não fosse vítima dele. Fiquei com muito medo e corri para pedir ajuda na rua.

– Mas por que, meu Deus?

– Não sei, vó.

– Por que ele fez isso com vocês? – disse Marly.

– Fique calma, mamãe, o médico já está olhando o Fernando, ele vai ficar bem.

– Meu Deus, por quê? Por que, meu Deus? Meu filho querido!

– Calma, dona – diz Leonardo se aproximando. – Seu filho levou muitas pancadas na cabeça. Vou levá-lo para o hospital para fazer um raio x e ver se há alguma consequência mais grave. As senhoras precisam me acompanhar.

– Sim, doutor, nós vamos – diz Eleonor se levantando.

– Levanta, mamãe, vamos com o médico para o hospital – diz Raquel.

– Dê-me forças, Senhor – diz Marly se levantando com muita dificuldade.

– Venha, mamãe – insiste Raquel.

Todos se encaminham para o hospital seguindo a ambulância que leva o menino Fernando ainda desacordado.

“Esqueça o acusador; ele não conhece o seu caso desde o princípio.
Perdoe ao mau; a vida se encarregará dele.”

Chico Xavier

A vida por um fio

Marly está nervosa e não para de chorar. Raquel, sentada ao lado da mãe, tenta consolá-la. Eleonor se encontra encostada no balcão da recepção, ansiosa por notícias de Fernando.

Após algum tempo, Leonardo se aproxima do grupo tendo às mãos uma prancheta onde traz anotadas algumas coisas que precisa explicar para Marly.

Todos correm ao seu encontro, sedentos por notícias.

– Doutor, como está meu filho?

Raquel e Eleonor se aproximam do médico.

– Senhora, seu filho está bem. Apesar das pancadas terem sido desferidas, principalmente na cabeça, ele está bem. Os exames apontam algumas lesões, mas nada sério. Mas por via das dúvidas, vou mantê-lo sedado e peço que me procurem amanhã logo pela manhã. Eu chego ao hospital por volta das sete horas. Procurem-me às oito, por favor. Espero que corra tudo bem durante a noite. Vou mantê-lo em observação.

– Ele não vai morrer não é, doutor? – pergunta Raquel.

– Não, menina, esse risco ele não corre. Só vou mantê-lo aqui para poder observá-lo melhor. Só isso.

Marly pega as mãos de Leonardo e acariciando-as, lhe pede:

– Doutor, o senhor não está mentindo, está?

– Não, minha senhora; nós, médicos, não podemos mentir.

– Ainda bem – diz Eleonor se intrometendo.

– Agora sugiro que as senhoras voltem para casa e amanhã bem cedinho venham para cá para reavaliarmos o menino. Vou mantê-lo na UTI e lá ninguém pode ficar com ele. Voltem amanhã.

– Obrigada, doutor – diz Marly.

– Doutor, eu não posso vê-lo agora, dar só uma olhadinha? – diz Raquel.

– Não, senhorita, seu irmão está na UTI, e lá tem que ficar por hoje, como já lhes expliquei.

– Mas quem fica na UTI é porque está em estado grave – diz Eleonor...

– Não, necessariamente, senhora. Vou mantê-lo lá por medida de segurança, afinal ele levou muitas pancadas na cabeça. O procedimento é esse, senhoras – afirma Leonardo.

– Maldito Roberto! – diz Eleonor.

– Mamãe! – adverte Marly.

– Maldito sim, e você ainda fica defendendo esse monstro!

– Não, mamãe, eu não estou defendendo Roberto, mas provavelmente essas crianças falaram alguma coisa que mexeu muito com ele. Ele nunca encostou a mão em seus filhos.

– Mentira, mamãe, por diversas vezes papai bateu em Fernando. Eu sabia que um dia ele iria se exceder – diz Raquel.

– Falando nisso, senhora, o policial de plantão do hospital quer falar com a senhora. Perdoe-me, mas todos os pacientes que chegam ao hospital

são assistidos pelos policiais que querem saber o motivo da entrada deles aqui – diz o doutor Leonardo.

– E o que o senhor falou para o policial? – pergunta Marly.

– A verdade, senhora. A verdade – diz o médico. – Lembrem-se, médicos não podem falar mentiras.

– Meu Deus, agora o Roberto está ferrado! – diz Eleonor.

– Bom, se me permitem, preciso olhar outros pacientes – diz Leonardo, estendendo a mão e despedindo-se de Marly e Eleonor.

– Vamos, Marly, vamos lá falar com o policial.

– Não, mamãe, não vou falar com policial nenhum sem antes ouvir o Roberto. Vamos para casa sem que ele nos veja.

Assim Marly, Eleonor e Raquel deixam o hospital pela porta dos fundos para que não sejam percebidas pelo policial de plantão.

Naquela noite Roberto não volta para casa. Marly mal consegue dormir, preocupada com o filho internado no hospital. Eleonor dorme no quarto de Raquel para que a menina não durma sozinha, pois tem medo de Roberto chegar e espancá-la também.

Logo cedo todas acordam e seguem novamente para o hospital. Marly está nervosa e triste, mas ao mesmo tempo preocupada com Roberto que não dormiu em casa e não deu notícias.

Logo elas chegam ao hospital e são recebidas pelo doutor Leonardo.

– Bom dia, senhoras! – diz o médico.

– Bom dia, doutor, como está meu filho?

– Ele está ótimo. Muito inchado, mas totalmente fora de perigo.

– Podemos vê-lo?

– Sim, venham comigo.

Assim Leonardo leva Marly, Raquel e Eleonor pelo longo corredor que dá acesso à enfermaria onde se encontra Fernando, que já saíra da UTI.

Ao ver o filho, Marly corre para pegar-lhe a mão e senta-se ao lado dele.

Fernando percebe a presença dos familiares e se emociona deixando correr uma lágrima que lhe molha a face.

– Não chore, meu filho querido, não chore! – diz Marly, emocionada.

Raquel se aproxima pelo outro lado da cama e segura a mão de Fernando que, emocionado, chora compulsivamente. Ao perceber o momento especial que vive aquela família, todos da colônia percebem a chegada ao ambiente de um espírito iluminado que estende as mãos sobre todos lhes transmitindo paz e serenidade. Nina fica emocionada com a cena e repousa no ombro de Felipe sua cabeça, seus olhos estão marejados. Daniel percebe que todos estão emocionados e interrompe a cena.

As luzes se elevam e Daniel se põe de pé para falar. Todos ficam atentos.

– Peço licença aos nobres irmãos, mas este é o momento em que tudo começa a mudar para Fernando, Raquel, Roberto e Marly. Este nobre e iluminado irmão que agora chegou ao hospital é o mentor espiritual deste resgate. Ele é o responsável deste dia em diante a acompanhar todos os acontecimentos e seguir orientando Fernando e seus familiares, para que tudo corra dentro das determinações do mundo espiritual.

Só quero mostrar a todos vocês que em nenhum momento de suas vidas vocês estarão sozinhos. Às vezes o que vocês acham que é uma desgraça, é, na verdade, um mecanismo usado por Ele, para um novo recomeço, uma oportunidade, em que tudo se ajusta conforme a necessidade do aprendizado ou da missão a que você se propôs atravessar. Nada está solto

no universo, tudo está interligado. Tudo está acertado para o aproveitamento espiritual. Evoluir é o destino de todos os espíritos.

Agora vamos observar o que todos enfrentaram. Vamos olhar Fernando e Raquel – diz o sábio Daniel.

A cena ocorre no hospital:

– Meu filho, o que você falou para o seu pai? – diz Marly, sentindo-se mais serena.

– Mamãe, eu não falei nada, ele simplesmente entrou em casa com um pedaço de pau na mão, nos ofendendo, xingando com palavrões e queria espancar a Raquel. Eu não deixei e ele me fez isso. Ofendeu-me, me xingou, me chamando de afeminado, desgraçado e tudo aquilo que já estamos acostumados.

– Foi isso mesmo, mamãe – diz Raquel.

– Ele estava bêbado, Fernando?

– Eu acho que sim, afinal ele nunca esteve em casa. Papai nunca participou de nada da minha vida. Sempre que eu o encontro ele está bêbado – diz o rapaz.

– Essa ausência eu sempre reclamei com ele. Só não entendi por que ele fez isso – disse Marly.

– Senhora, com licença – diz a enfermeira entrando no quarto acompanhada de Mirna.

– Bom dia! – diz Mirna se aproximando do grupo.

Fernando olha carinhosamente para sua amiga e psicóloga.

– Meu Deus, que visita maravilhosa! – diz Eleonor aproximando-se de Mirna e lhe tomando as mãos.

– Vim visitar meu querido amigo – diz Mirna.

– Filha, essa é a doutora que acompanha o Fernando na casa espírita, é ela que cuida dele e da Raquel.

Marly se levanta e cumprimenta Mirna, que gentilmente lhe devolve o cumprimento com um sorriso e um abraço.

– Quero lhe pedir perdão por nunca ter ido encontrar-me com a senhora. É que o Roberto, meu marido, me proíbe de encontrá-la; ele não absorve bem essa ideia de espiritismo. E eu também confesso que morro de medo de centro espírita.

– Mas não falamos de espiritismo nas consultas que realizamos nos atendimentos do centro espírita. Sou uma simples voluntária que exerço com amor e caridade a minha missão.

– Já falei isso para ela dezenas de vezes – interrompe Raquel, que se levanta e abraça carinhosamente Mirna.

– Vocês deveriam conhecer o centro espírita antes de julgá-lo – diz Eleonor.

– Mamãe, você sabe como é o Roberto.

– Eu imagino – diz Mirna. – Por diversas vezes mandei recado para a senhora para que pudéssemos conversar sobre as crianças.

– Perdoe-me, senhora, como é mesmo seu nome?

– Mirna, Marly, Mirna! – diz Eleonor.

– Pois é, o Roberto é um bom pai. Apesar de ter feito isso com Fernando, ele é um bom pai. Perdoe-me, estou muito perturbada com todos esses acontecimentos.

– Imagino – diz Mirna.

– Que bom que a senhora veio me visitar! – diz Fernando com dificuldade, pois seu rosto está muito inchado.

– Eu aproveitei que estava por perto e achava mesmo que essa seria uma grande oportunidade de encontrar-me com seus pais para termos uma conversa – diz Mirna.

– Ótima ideia! – diz Eleonor.

– Sente-se aqui, doutora – diz Raquel mostrando uma cadeira próxima a Mirna, que a puxa para perto do grupo e se senta.

Fernando fica feliz com a presença da amiga.

– Bem, Marly, eu cuido do Fernando e da Raquel desde que eram bem pequeninos. Sou uma pessoa do bem, e o que vou lhe falar faço questão que todos ouçam. Não me queira mal, mas se faz necessária esta conversa – diz Mirna se acomodando.

– Sim, doutora, pode prosseguir – diz Marly, atenta.

– Seu filho não é doente e muito menos tem algum tipo de problema. A homossexualidade, de longe, já deixou de ser uma doença. Ser homossexual é uma condição que nasce com o ser humano. Seu filho nasceu assim, ele não se tornou o que ele é. Ele é homossexual e ponto. Sei que no fundo a senhora sabe da verdade. Mas essa é uma verdade que tem que ser dita em alta voz para que o preconceito e a discriminação sejam postos de lado, principalmente dentro da sua família.

– Eu, no fundo de meu coração, sempre tive essa certeza – diz Marly de cabeça abaixada.

– Meu Deus! – diz Eleonor, assustada.

– Eleonor, você é minha amiga e sabe o quanto eu sou qualificada para dar esse diagnóstico. O Fernando sofre muito por tentar ser algo que nunca será. Foram muitas as consultas em que ele chorava copiosamente por não ser compreendido por vocês, principalmente pelo pai, Roberto.

– Roberto jamais consentirá ter um filho gay dentro de casa – diz Marly.

– Pois é por isso que mando milhares de recados para a senhora. Você, Marly, é quem pode e deve convencer seu marido a aceitar o Fernando como ele é – insiste Mirna.

– Isso é impossível – diz Raquel. – Impossível!

Fernando, emocionado e feliz, sente sair de dentro de si algo que carregava com muito sacrifício e muita dor. Eleonor observa tudo calada.

– Olha, se o seu marido pensa assim, como é que a senhora vai levar esse menino para casa?

– Não tinha pensado nisso – diz Marly.

– Pois é. Quem nos garante que da próxima vez as coisas não serão piores?

– Escute a Mirna, Marly – diz Eleonor.

– Mamãe, vou conversar com o Roberto; se eu o conheço bem ele deve estar muito arrependido. E vou explicar a ele a opção sexual de Fernando. Deixe estar, que eu vou convencê-lo a amar o Fernando do jeito que ele é.

– Senhora, o Fernando não é doente – diz Mirna.

– É, Marly, ele não é doente – diz Eleonor.

– Eu sei, mamãe, eu sei.

Mirna se levanta e segura na mão de Fernando.

– Você está bem, meu amiguinho?

– Sim, Mirna, obrigado por você ter conversado com minha mãe e ter explicado a ela o que tenho tentado falar por anos. Obrigado por aliviar meu coração.

– Eu estarei sempre ao seu lado, meu amigo – diz Mirna.

– Mamãe, você está calma?

– Sim, Fernando, um pouco confusa, confesso, mas nós, mães, nunca nos enganamos com nossos filhos. Eu sempre soube que esse seria o seu destino. E sempre temi por ele. Eu sempre soube que um dia teríamos que ter essa conversa.

– Mamãe, eu sou uma menina num corpo de menino; eu sei que *tá* tudo errado, mas nunca vou lhe fazer ficar triste de novo. Eu te amo acima de tudo. Quando compreendi minha condição, logo percebi que seria e será, para mim, muito difícil viver assim. Eu sofro todos os dias por sentir-me incapaz de mudar isso que está dentro de mim. Por diversas vezes travei uma luta silenciosa dentro de minha alma. Mamãe, eu tentava a todo custo me afastar desta tendência ruim para alguns, mas perfeita para mim. Sou assim e nada posso fazer. Eu sempre tive a certeza de que minha escolha me fará sofrer perante a sociedade. Perdoe-me, mamãe, mas eu sou assim... Deus me fez assim, perdoe-me – diz Fernando com lágrimas nos olhos.

Marly, emocionada, abraça Fernando com ternura e beija-lhe a face. Com o indicador ela retira cuidadosamente as lágrimas do lindo rosto do rapaz. Todos ficam comovidos com o momento. Raquel não consegue conter as lágrimas e chora, acompanhada da avó Eleonor.

Mirna sente uma felicidade enorme invadir seu peito, a sensação do dever cumprido. Ela se sente, aliviada.

– Mamãe, mas tem outra coisa que preciso lhe contar – diz Fernando.

– Diga, meu filho amado.

– Eu não quero mais viver no Brasil, meu sonho é viver em um país onde eu não sofra com tanta discriminação e preconceito. Onde eu não seja taxado de anormal e não seja xingado todos os dias; onde eu não sofra como sofro aqui. E é por isso que sempre sonhei ir para outro país, onde pessoas mais cultas não tratam homossexuais como nós somos tratados aqui.

– Como assim, Fernando? – diz Marly, assustada.

– Mamãe, eu quero ir embora do Brasil e estudar fora. Quero me formar e ser alguém na vida. Alguém que lhe dê muito orgulho. Quero ajudar você e o papai a comprar nossa casa própria. Enfim, ser feliz.

– Mas Fernando, que loucura é essa?!

– Ele tinha me pedido essa ajuda – interrompe Mirna.

– Como assim? – diz Eleonor.

– Durante todos esses anos que eu cuido do Fernando ele sonha viver em outro país. Este sempre foi seu sonho. E não há acaso nessa minha visita hoje.

– Como assim? – diz Fernando.

– Fernando, tenho uns amigos, um casal que mora na França, e conversei com eles sobre você. Eles não têm filhos. O Michael é estéril e não consegue engravidar Paloma. Expliquei-lhes sua condição e sua opção sexual. Eles não viram nenhum empecilho em você passar algum tempo na casa deles. Inclusive, eles podem lhe auxiliar muito nos estudos, pois Paloma é professora por lá. Eu conversei com eles ontem por telefone e lhes expliquei o ocorrido. Logo eles se predispuseram a lhe ajudar; claro, se seus pais permitirem. Antes mesmo de você falar alguma coisa, Marly você e seu marido poderão visitá-los quando quiser. A proposta de Paloma é para que Fernando estude lá, e quando se formar ele decide o que é melhor para ele.

– Deus me livre ficar sem meu filho! – diz Marly.

Os olhos de Fernando brilham como nunca. Só de pensar em viver em outro país o deixa emocionado. A felicidade invade o seu coração.

– Marly, não responda a Mirna agora, faça uma boa reflexão sobre a proposta dela; afinal, estudar na Europa é o sonho de todo jovem – diz

Eleonor.

– Mamãe, você ficou maluca? Jamais conseguirei viver sem o meu filho! – diz Marly.

– Mãe, é o meu sonho – diz Fernando.

– Fernando, seu pai jamais vai permitir uma coisa dessas.

– Conversa com ele, mãe, é o que é melhor para nós. Qual é a alternativa que temos hoje? – diz Raquel.

– Vocês ainda são crianças para decidirem sobre suas vidas.

– É por isso mesmo que essa oportunidade não pode ser perdida, Marly, você tem que aproveitar a pouca idade do seu filho para estudar nas melhores escolas do mundo e se formar por lá. Pense bem direitinho: quais são as oportunidades que essa criança terá aqui? Pense no preconceito e na discriminação que o Fernando terá de suportar. Pense bem, Marly – diz Mirna com firmeza. – E tem outra coisa: o Michael é um homem muito rico e certamente cobrirá o Fernando com as melhores coisas do mundo. Eles são muito carinhosos e caridosos.

– Não sei se isso é o certo – diz Marly.

– Mamãe, a minha felicidade é o certo. Eu não sei como será a minha vida daqui para frente. O papai precisa ser punido pelo que me fez. Eu já fui procurado por um policial aqui do hospital, que me pediu para contar o ocorrido. Ele me pediu o endereço de casa.

– E o que você falou?

– Não disse nada. Disse-lhe que ia conversar com você primeiro para depois conversar com ele novamente.

– Ainda bem que você não falou nada. Seu pai pode se complicar.

– Isso é verdade, mas é uma questão que a família tem que decidir – diz Mirna.

– Vamos conversar – diz Eleonor.

Marly fica triste e quieta. Todos se abraçam e Mirna se despede com carinho e amor.

Marly mal cumprimenta Mirna, que tanto lhe contrariou.

– Fiquem todos com Jesus em seus corações. Agora tenho que ir para cuidar de outros pacientes. Marly, pense com calma em tudo o que lhe falei, saiba que meu intento é ajudar o Fernando; não quero e não desejo tornar ninguém infeliz. Fiquem bem. Bom dia.

Assim Mirna deixa o hospital. Marly fica por algum tempo em silêncio, visivelmente contrariada com a proposta de Mirna. Fenando, feliz, evita tocar no assunto para não aborrecer ainda mais sua mãe.

Eleonor e Raquel resolvem levar Mirna até a portaria do hospital onde se despedem.

– Obrigada, Mirna, pela visita – diz Eleonor.

– Vim, porque precisamos ajudar o Fernando. Ele é muito infeliz aqui. E eu acho sinceramente que sua filha deveria pensar seriamente em minha proposta.

– É, eu sei. Vou conversar com minha filha quando ela estiver mais calma – diz Eleonor.

– Faça isso – diz Mirna, se despedindo.

– Tchau, Mirna!

– Tchau, Raquel, cuide-se bem!

– Tchau, querida!

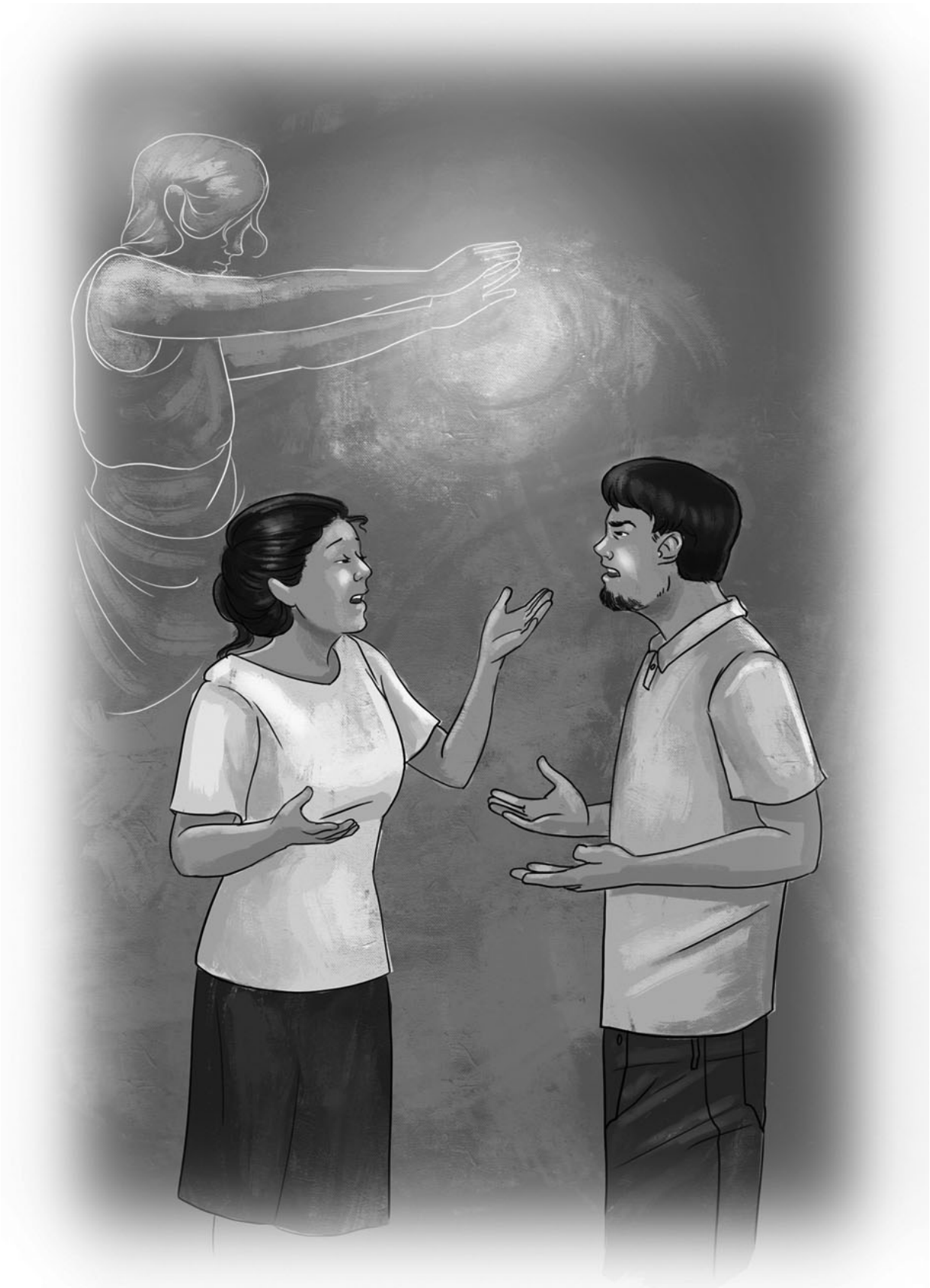
– Olha, Raquel, seu tratamento ainda não acabou – diz Mirna.

– Eu sei, Mirna, eu sei. Em breve eu lhe procuro.

– Beijos, meninas! – diz Mirna se afastando.

“Homossexualismo é uma condição da alma e não uma condição do corpo.”

Osmar Barbosa



Destino

Após a visita, sem tocar mais no assunto proposto por Mirna, Marly segue para casa sozinha. Ela pede a Eleonor para levar Raquel para sua casa. Na verdade, ela tem medo da reação de Roberto ao ver a filha e prefere encontrar-se com ele sozinha.

– Mãe, leve a Raquel para sua casa, por favor. Vou aproveitar que hoje é sexta-feira para ter uma conversa definitiva com Roberto sobre nossa vida.

– Você não quer que eu fique com você? Não quer que lhe acompanhe? Eu posso deixar a Raquel em casa e ir com você.

– Não, mãe. O problema do Roberto não é comigo. O problema dele é com o Fernando. Deixe que vou conversar com ele e amanhã vou até sua casa para lhe contar o que decidi.

– *Tá* bom, filha. Qualquer coisa, me liga, está bem?

– *Tá* bom, mamãe, pode deixar. Raquel, vá para a casa de sua avó. Amanhã eu vou buscar você para virmos aqui visitar seu irmão.

– *Tá* bom, mamãe, mas tome cuidado com o papai!

– Pode deixar, filha. Pode deixar...

Marly chega em casa e não encontra Roberto. Cuidadosamente e sentindo uma enorme tristeza no coração ela começa a arrumar a casa.

Limpa o chão da cozinha, ainda manchado com o sangue de seu filho. Seu coração está em pedaços.

Marly então se dirige à área de serviço e começa a lavar os panos que havia usado para limpar o chão.

Logo ela ouve um barulho na porta da frente, e percebe que Roberto acabara de chegar.

Marly termina sua tarefa e se dirige à cozinha onde Roberto está sentado segurando em ambas as mãos um copo com água. Quieto, ele não se manifesta com a presença de Marly que se senta à sua frente e o olha fixamente.

– Oi, Roberto!

– Oi, Marly!

– Você pode me explicar o que aconteceu aqui?

– Sabe, Marly, sei que errei, sei que nunca fui um bom pai, sinto-me culpado pelo Fernando ser assim. Acho que falhei. Perdi a cabeça quando cheguei em casa e vi meu filho com traços de menina. Com aquele jeito, aquele olhar afeminado. Não consigo compreender por que Deus me castigou assim. Por que eu? Por que, meu Deus?

– Calma, Roberto, mantenha-se calmo! O Fernando não tem culpa de ser assim.

– Claro que tem. Ele é um menino e não uma menina. Isso é coisa da cabeça dele. Uma boa coça vai resolver. Onde estão ele e a Raquel? E além do mais, ele vive frequentando aquele lugar maldito. É lá que o demônio se apossa de seu corpo e o faz ser assim.

– Você nem percebeu o que fez, não é Roberto? No mínimo, estava com a cara cheia de cachaça e não percebeu que quase matou seu filho. Ele está internado no hospital. E além do mais, o centro espírita não tem nada a ver

com o que você fez, não queira justificar seu erro colocando erro nas coisas que você ainda não conhece.

– É bem-feito, quem sabe assim ele aprende a ser homem – diz Roberto com muito ódio nas palavras.

– Seu filho nunca vai ser homem, ele nasceu uma menina num corpo masculino. Você tem que aceitar isso. Nós não temos culpa dele ser assim; na verdade, nem ele é culpado de ser homossexual.

– Nunca, jamais vou conviver com um viadinho dentro da minha casa. Jamais...

– Não fala isso, homem! Ele é seu filho. É um menino de ouro. É o melhor aluno da escola. Não se envolve em confusão, nunca recebemos uma reclamação de quem quer que seja sobre o Fernando e muito menos sobre Raquel. São crianças abençoadas.

– Eu devia ter batido com mais força, assim eu matava logo esse desgraçado. Inferno...

– Meu Deus!... – diz Marly, assustada.

O mentor espiritual de Fernando se aproxima e estende as mãos sobre o casal.

Roberto prossegue:

– Aqui ele não entra mais. Mande ele para o inferno. Aqui ele não vive mais.

– Mas Roberto, ele é nosso filho!

– Marly, você é quem decide ou ele ou eu, escolha ou ele ou eu. Se ele entrar por essa porta eu saio pela outra. Como vou olhar para os meus amigos? Como vou apresentar meu filho como uma menina? *Tá* louca? Ou ele ou eu. Escolha.

– Mas Roberto, não se trata disso.

– Não interessa, e assunto encerrado! Ou ele ou eu, escolha. Agora vou até o bar, pois lá é o único lugar onde me sinto bem.

– Roberto, vamos conversar, homem! – insiste Marly.

– Já estamos conversados. Ou ele ou eu. Escolha.

– Roberto...

Marly insiste em conversar, mas Roberto lhe dá as costas e sai para beber com os amigos.

Durante toda a noite Marly chora quieta e sozinha na pequena e humilde casa.

Roberto só chega pelas altas horas da madrugada, bêbado. Ele se deita no sofá da sala e dorme.

Ao amanhecer...

Marly se levanta, como de costume, para preparar o café da manhã para Roberto que já se encontra no banheiro preparando-se para ir trabalhar.

– Bom dia, Roberto!

– Bom dia, Marly!

– Você está mais calmo? Podemos conversar?

– Não tenho nada para conversar com você. Eu já lhe informei a minha decisão.

– Roberto, pense bem, por favor! Ele é nosso filho. Você vai trabalhar hoje?

– Não tenho mais nada a falar. E vou trabalhar durante todo o fim de semana.

– Então posso deixar o Fernando morando na casa de uma pessoa? Você não quer ver seu filho no hospital?

– Faça o que você quiser com esse garoto. Eu é que não quero mais vê-lo dentro de minha casa e muito menos em minha vida.

– Você tem certeza do que está falando?

– Sim, não quero um filho homossexual. Não vou conviver com uma bicha dentro de casa.

– Você tem certeza disso?

– Para de encher, mulher! Sou homem e não vou viver com um viadinho dentro de casa, já falei.

Sem dizer mais nenhuma palavra, Marly pega sua bolsa, que está sobre a mesa, e sai. Roberto termina de se arrumar e também sai para o trabalho.

Marly, tentando conter as lágrimas, se dirige à casa de sua mãe.

Após algum tempo...

Eleonor ouve o interfone de seu prédio e corre para atender.

– Mãe, sou eu!

– Sobe, filha!

Marly, ao chegar ao pequeno apartamento, corre para os braços de Eleonor em lágrimas.

– Meu Deus, o que houve, filha?

Marly não consegue falar. Chora compulsivamente.

– Raquel ainda está dormindo? – pergunta ela.

– Sim, filha. Ficamos até tarde assistindo televisão e hoje ela não tem aula. Mas o que houve? – pergunta Eleonor, secando as lágrimas da filha.

– Ah, mamãe, ele não quer nem ver o Fernando na frente dele. Ele está tomado por um ódio pelo menino. Disse-me para escolher ou ele ou o Fernando.

– Meu Deus!

– E agora mamãe, o que eu faço?

– Larga esse desgraçado e vem viver aqui comigo. Meu apartamento é pequeno, mas cabe todo mundo. Podemos viver eu, você e as crianças.

– Como vamos viver em um apartamento de quarto e sala, mamãe? Aqui não dá nem para você direito.

– Filha, eu vivo da pensão que seu pai deixou e só tenho condições de pagar esse aluguel barato aqui.

– Eu sei, mamãe, eu sei. Mas a solução não é essa. Estou pensando seriamente em deixar o Fernando ir morar com aquela tal mulher na França.

– Se eu fosse você, deixaria. Não que eu deseje ficar sem o meu neto, mas uma coisa que ele diz, e tem razão, é que ele vai sofrer muito aqui, por ser afeminado. Pense direitinho. E além do mais, ele vai poder estudar e ser alguém.

– É por isso que estou pensando seriamente em deixar o Fernando passar um tempo por lá.

– Você falou isso para o Roberto?

– Ele não quer mais ver o Fernando na frente dele. Disse que se ele voltar para casa quem sai é ele.

– Desgraçado! – diz Eleonor.

– É, mamãe, mas o pior é que eu não consigo viver sem o Roberto. Passei a noite inteirinha acordada pensando em minha vida e nas crianças, e confesso que sou ainda muito apaixonada por ele. Não consigo me enxergar

sem ele. Ele foi meu primeiro namorado e é meu marido. Também por que o Fernando foi nascer assim?

– Sendo assim, a melhor coisa que você pode fazer pelo Fernando é deixá-lo seguir seu destino. O menino não tem culpa de ser afeminado, e aliás, essa é uma qualidade que o destaca perante todas as pessoas que conheço. O Fernando é um menino de ouro, um ser especial.

– Desde pequeno eu percebia que ele era diferente dos outros meninos. Meu coração de mãe não se importa com isso. Vou amá-lo sempre. Perto ou longe, sempre serei a mãe dele.

– Isso, filha! Belos pensamentos. Pense assim mesmo. Acredite que tudo tem um propósito na Lei de Deus.

– Mamãe, eu amo meu filho e quero o que for melhor para ele.

– Muito bem, filha. Muito bem! – diz Eleonor, abraçando Marly.

– Você quer que eu ligue para Mirna?

– Ainda não, mamãe, vamos até o hospital, pois quero me certificar de que o Fernando esteja seguro de sua decisão. Quero conversar mais um pouco com ele.

– Sim, filha, vamos. Vou dar café a Raquel e podemos ir. Vou acordá-la.

– Deixe-a dormir, mamãe, vou escrever um bilhete para ela. Daí podemos ir.

– *Tá* bom, filha, vou pegar papel e lápis.

Assim Marly deixa sobre a mesa do café um bilhete explicando a Raquel que ela e Eleonor foram para o hospital visitar Fernando.

Logo chegam ao hospital e dirigem-se rapidamente à enfermaria onde Fernando já está sentado conversando com os demais pacientes.

– Oi, mãe! – diz o jovem ao perceber a chegada da mãe e da avó.

Abraçados, Fernando, Marly e Eleonor sentem-se felizes com o encontro.

– Que bom ver você assim, filho! – diz Marly.

– Estou bem, mamãe. Ainda com algumas dores no corpo, mas já estou até de alta. O médico passou aqui logo cedinho e me liberou para ir para casa.

– Olha que notícia boa! – diz Eleonor.

– Já arrumei minhas coisas. Vamos, mamãe?

– Vamos, filho, vamos sim.

– Gente, foi muito bom estar com vocês, mas agora Fernandinho vai para casa beijar a vida e ser feliz – diz o jovem Fernando despedindo-se dos demais pacientes.

Todos na enfermaria riem e se despedem com amor de Fernando, que está alegre e muito feliz.

– Mamãe, você tem certeza que posso ir para casa?

– Nós não vamos para casa.

– E para onde eu vou? Ou melhor: para onde nós vamos?

– Nós vamos para a casa da sua avó – diz Marly.

– Por que estamos indo para lá e não para casa?

– Nós precisamos conversar, meu filho.

– Podemos conversar agora, o que acha? – diz Fernando, curioso.

– Conversaremos quando chegarmos à casa de sua avó, está bem, Fernando?

– *Tá* bom, mamãe, *tá* bom. Então vamos logo.

– Vamos, filho – diz Marly com os olhos cheios de lágrimas.

– Você está triste, mamãe?

– Não, filho, estou cansada, só isso.

– Então vamos logo para a casa da vovó. Raquel está lá.

– Sim, ela está nos esperando.

– Que bom! Vamos logo.

Após algum tempo todos chegam ao apartamento de Eleonor. Raquel já está de pé, e ao ver o irmão chegando se sente feliz e corre para abraçá-lo.

– Ah, que bom que você está aqui, Fernando! – diz Raquel abraçando-o.

– Eu estava com saudades de você, maninha. – diz o jovem rapaz.

Fernando senta-se no pequeno sofá ao lado de Raquel e dirige-se firmemente a Marly.

– E aí, mamãe, você vai me deixar viver na França?

Marly se aproxima e senta-se em uma pequena cadeira ao lado.

– Vou, meu filho, vou deixá-lo viver a sua vida. Embora eu ache que você ainda é muito jovem para viver longe de mim, mas não me resta outra opção. Seu pai não quer que você volte para casa. Eu não consigo me sustentar e não sei se conseguiria viver longe dele, confesso. E ainda tenho a Raquel para cuidar e educar. Passei a noite em claro pensando no que seria melhor para você e decidi que o melhor para você é realmente sair daqui. Que vá respirar novos ares e seguir adiante com seus sonhos! Que você seja feliz, mesmo deixando um buraco enorme dentro de mim.

– Puxa, mamãe, como estou feliz! – diz Fernando, atirando-se ao colo da mãe.

Marly não consegue conter as lágrimas e abraça carinhosamente Fernando.

– Não chore, mamãe, por favor. Eu preciso ser feliz. Aqui eu jamais conseguirei me expressar. Preciso viver em um lugar onde a liberdade de pensamento seja respeitada. Eu preciso ser quem realmente sou.

– Eu sei, filho, eu sei – diz Marly entre lágrimas.

Fernando começa a chorar agarrado ao pescoço da mãe. Raquel se aproxima e abraça os dois.

Logo Mirna é convidada a comparecer à casa de Eleonor e tudo é acertado entre ambos, e Fernando viaja para a França para viver com Michael e Paloma.

Marly, Raquel e Roberto retomam suas vidas.

A despedida é calma e serena, Marly sabe que o melhor para Fernando é realmente seguir seus sonhos.

“Filhos são como diamantes. São pedras preciosas que Deus nos dá.”

Osmar Barbosa

A realidade espiritual

As imagens são interrompidas, e Daniel se coloca de pé à frente de todos.

Todos que assistem à vida de Fernando sentados nas confortáveis poltronas do amplo salão da colônia sentem-se emocionados e felizes com a decisão de Marly. Enfim, ela agiu com a razão embora seu coração estivesse dilacerado, e os espíritos percebem isso.

Nina se põe de pé e questiona Daniel.

– Daniel, perdoe-me, mas por que a homossexualidade de Fernando se destaca nesta história?

– Não é para isso que estamos aqui? Não é, senão para compreendermos porque alguns espíritos, quando encarnados, vivem e experimentam as psiques misturadas. Meninos atraídos por meninos e meninas atraídas por meninas?

– Sim, Daniel, é para isso que nos reunimos aqui – diz Felipe.

– Eu quero ser o condutor de todos vocês até a câmara da realidade espiritual – diz Daniel.

– Que coisa é essa, Daniel? – pergunta Lucas.

– É o lugar onde adquirimos nossa real condição de espírito. É nessa câmara que nos encontramos com o nosso eu.

– Como assim?

– Estamos temporariamente experimentando uma forma, aquela que escolhemos permanecer aqui na colônia. Um exemplo claro disso é que estou mantendo a forma de minha última encarnação. Sou agora o Daniel de minha última vivência na Terra. Nós, espíritos, não temos sexualidade definida; se fosse assim, Ele não seria justo, pois poderia usar desta ou daquela condição para punir Seus filhos. Na verdade, seria uma punição você permanecer por toda a sua existência como menino ou como menina. Não é justo, e lembrem-se sempre disso: Ele é justíssimo. Sendo Deus homem e mulher, todos nós somos Sua semelhança. Assim, nós não temos um sexo definido. Experimentamos as duas psiques para nosso desenvolvimento espiritual, para nos tornarmos espíritos perfeitos.

– Quer dizer que eu, Lucas, escolhi viver como Lucas aqui no mundo espiritual?

– Não, você não escolheu. Estar como Lucas é o que você precisa para desenvolver-se e ascender a planos ainda superiores. É necessário que você use essa roupagem (se podemos chamá-la assim), ou melhor dizendo, use essa veste perispiritual para, aproveitando-se dessa condição aqui na colônia, continuar sua evolução. Lembremo-nos de que a evolução é uma condição pessoal, ninguém evolui pelo outro. Nós só podemos nos auxiliar, no máximo isso. Auxiliar-nos.

– Entendi, Daniel.

– Mas por que experimentar isso? – insiste Lucas.

– A vida na Terra é temporária e motivada pelas oportunidades que todos os que nela estão têm de resgatarem seus débitos anteriores. A opção sexual é uma prova muito difícil para aqueles que experimentam viver uma sexualidade em um corpo que não lhe permite expressar-se livremente. Não é um castigo, é sempre uma escolha. Lembrem-se disso, sois livres.

– É castigo?

– Não, Lucas, já falei, Deus não castiga Seus filhos. É prova – diz Daniel.

– Mas essa tal câmara, como é?

– Fechem os olhos, que vou conduzi-los ao estado em que compreenderão o que estou falando. A câmara não é um lugar específico, e sim um estado de pensamento. É consciência de si mesmo. Fechem os olhos e se mantenham sentados. Tenham calma e prestem muita atenção em minhas palavras.

Todos os espíritos permanecem quietos, sentados e concentrados nas palavras de Daniel que gentilmente profere uma linda prece.

– Oremos – diz Daniel.

Senhor, meu Deus, necessário se faz que nos permita transcender aos princípios desta colônia espiritual. Pai de misericórdia divina e amor sublime. Senhor de bondade infinita, solicito-Lhe permissão para ultrapassar junto a esse grupo de espíritos as esferas mais sublimes de Sua criação, onde poderemos experimentar por algum tempo nossa condição plena desde a nossa criação.

Solicitamos à nossa mentora espiritual proteção e auxílio nessa curta viagem, necessária a todos os que estão neste momento necessitados da compreensão.

Glória a Ti, senhor...

Todo o ambiente é iluminado por uma intensa, mas suave luz violeta. Uma linda canção entoada por vozes como de anjos envolve o ambiente. Logo todos se veem em um lugar de linda paisagem e com um céu encoberto de estrelas que brilham durante o dia. O sol é amarelo-claro e não

ofusca as vistas daqueles que chegam acompanhados por Daniel àquele lindo lugar. Pássaros gigantescos voam pelo lindo céu cor de laranja. Há nuvens de cor violeta espalhadas pelo céu. Vários seres reluzentes passeiam pelo lugar.

Nina olha para Felipe e vê nele um ponto de luz muito grande. Felipe não consegue perceber a forma física de Nina e se assusta.

– Nina, é você?

– Sim, Felipe, sou eu.

– Mas você perdeu sua forma física! Você não tem mais o corpo e o rosto. Meu Deus!

– Você também perdeu.

Daniel se aproxima de Nina.

– Fiquem calmos! Essa é a forma atual de vocês. Essa é a forma verdadeira.

Daniel se apresenta como um feixe de luz alto na vertical.

– Você é assim, Daniel?

– Somos luz. Todos somos frutos de uma única energia. Essa a qual chamamos de Deus é, na verdade, uma fonte criadora de energia e luz eterna. Nenhum de nós tem uma forma preestabelecida. Moldamos nosso espírito por meio das provas que enfrentamos em nosso dia a dia. Após cada experiência nos transformamos em feixes ainda mais reluzentes. Após cada encarnação nos transformamos.

– Como assim? – pergunta Nina.

– A forma física é uma das formas que usamos para nos tornar perfeitos. E a forma que usamos atualmente em nossa colônia é aquela à qual melhor nos adaptamos para vencer nossas atuais tribulações. À medida que

evoluímos, vamos adquirindo outras formas que no final nos farão um ser de luz plena.

– Realmente faz sentido – diz Lucas, se aproximando.

– Nunca pensei que pudesse ser assim – diz Felipe.

– Vocês têm a consciência de que as coisas são assim. É que, temporariamente, vocês não precisam lembrar-se disso. É desnecessário, entendem?

– Sim, Daniel, assim como nos esquecemos de nossas vidas anteriores quando estamos encarnados – diz Nina.

– É isso mesmo, Nina. Aqui em nossa vida espiritual assim como na vida material, só guardamos o que é necessário para a evolução daquele momento. Todo o restante fica esquecido dentro de nós, e só nos é relembrado quando necessitamos. Como agora, por exemplo – diz Daniel.

– Você é essa luz toda, Daniel?

– Sim, Lucas, quanto mais evoluído você é, mais sua capacidade luminosa se expande.

– Quer dizer que estamos, na verdade, nos tornando luzes?

– Sim, Felipe, tudo é energia. Tudo está ligado ao Criador que a todos auxilia e ampara.

– Meu Deus! – diz Nina.

– E para onde vamos após atingirmos a luz plena? – pergunta Nina.

– Para junto do Criador. Lá, O auxiliaremos no todo. Os espíritos são engrenagens conectadas diretamente a Ele. Ainda não percebemos isso. Só quando adquirimos uma condição melhor é que passamos a compreender tudo.

– Entendo, Daniel, que lindo! – diz Nina.

– Sim, Nina, tudo o que vem da Criação é lindo.

– Agora, temporariamente, estaremos na colônia com as psiques definidas para continuarmos nossa evolução. É isso, Daniel?

– Sim, Nina, por ora viveremos como Daniel, Nina, Felipe, Lucas e todos vocês. Necessário se faz compreender que tudo tem um propósito. Tudo está conectado a Ele que ama, ampara e cuida.

– Podemos voltar, Daniel? – pergunta Mateus, se aproximando.

– O que houve, Mateus? – pergunta Daniel.

– Prefiro viver como Mateus, não estou me adaptando a ser luz. (Risos)

– Podemos escolher viver eternamente em uma forma, Daniel? Melhor dizendo, posso ser Nina pela eternidade?

– Não. Um dia você terá que transcender as esferas mais sublimes, e lá se utilizará de outras formas, pois há milhares de formas criadas para a evolução nos mundos.

– Como assim? – pergunta Felipe.

– Há milhares de mundos, Felipe. E todos os espíritos que habitam esses mundos são filhos do único e eterno Criador. Mas deixemos esse assunto para uma próxima oportunidade.

– Ainda bem – diz Lucas, assustado.

– Agora, por favor, concentrem-se, que voltaremos para o galpão de nossa colônia. Fechem os olhos e sentem-se.

Todos acordam assustados de volta ao galpão da colônia. Os espíritos se entreolham espantados, mas felizes com o lindo ensinamento passado por Daniel. Uma paz indescritível invade o lugar.

– Que sensação vocês sentam agora? – pergunta Daniel.

– Alívio – diz Lucas.

– E você, Nina?

– Sinto-me aliviada por voltar à minha condição de costume. Engraçado que tive medo de não poder voltar a ser eu mesma, essa Nina aqui.

– Essa é a mesma insegurança que sentem os encarnados, eles ficam presos à condição atual. Esquecem-se de que são eternos.

– É verdade, Daniel, tive medo de perder essa condição – diz Felipe.

– Esse medo é necessário a todos os espíritos para que eles não tentem contra sua própria existência. Esse medo existe quando estamos encarnados ou quando estamos desencarnados.

– Caramba, Daniel, que lindo ensinamento!

– Sim, por isso insisto: confie sempre em Deus. Orai e vigiai por sua vida e pela vida daqueles que você ama.

– Obrigada mais uma vez, Daniel.

– De nada, Nina.

“A vida não se resume a esta vida!”

Nina Brestonini



Além da vida

– Daniel, já que voltamos ao estado normal, posso lhe fazer uma pergunta?

– Sim, Felipe.

– Todo esse processo que experimentamos agora está a cargo de quem?

– O processo evolutivo da humanidade encarnada e desencarnada é organizado por espíritos superiores. Todo o processo reencarnatório é dirigido por eles, os espíritos superiores.

– Quer dizer que à medida que vamos evoluindo, mais responsabilidades teremos para com os outros espíritos?

– Sim, Felipe! À medida que evolui, você é orientado a acompanhar e auxiliar a todos os seus irmãos, porque somos irmãos. Somos filhos de um único Criador e irmãos uns dos outros. Todo esse processo é dirigido por Ele, nós não estamos abandonados à sorte. Aliás, ninguém está abandonado à sorte. Não há acasos e muito menos coincidências.

– Existe um padrão para isso? – pergunta Lucas.

– Não, Lucas, não existe um padrão reencarnatório. Deus não criou um programa de computador, muito menos existe um padrão.

– E quem é que toma conta do planeta Terra?

– Jesus é o autor da vida no planeta Terra. Ele é o construtor e arquiteto desta, que nada mais é que uma nave a qual sabemos que ele conduz de forma eficaz. É bom lembrar que cabe a nós, espíritos, por meio dos ensinamentos nas casas espíritas e das psicografias, erradicar a forma antropomórfica de Deus ser do sexo masculino, pois tal energia procriadora, extrapolando conceitos, poderia, no máximo, ser considerada andrógina, isto é, pai e mãe ao mesmo tempo, uma vez que criou o Universo uno e múltiplo sem ter contato com nada que não fosse ela própria. Se uma simples alma encarnável não tem sexo, podendo encarnar como homem ou como mulher, então por que a alma universal teria que ter sexo definido?

– Verdade, Daniel, necessário se faz que os encarnados e também nós estudemos com mais critérios os ensinamentos d'Ele.

– Sim, a mente tem que se libertar de pensamentos retrógrados. É necessário abrir o pensamento e compreender que tudo tem objetivo e causa.

– Verdade! – diz Nina.

– Agora peço a todos que prestem muita atenção na vida de Fernando e Raquel; logo vocês poderão compreender tudo o que está acontecendo nessa encarnação. Por que Fernando é homossexual? Por que Marly sofre? Por que Raquel está neste momento no Umbral?

– Gente, tinha me esquecido de Raquel! – diz Lucas, assustado.

– Fiquem calmos e prestem atenção na vida além da vida.

– Como assim, Daniel?

– Vou levá-los ao século XIX. Mantenham-se em silêncio e prestem muita atenção – diz Daniel.

"Em nossa vida atual estamos colhendo o que semeamos em nossa existência anterior. A vida futura é aquilo que semeamos hoje. Lá colheremos os frutos de nossa grandeza ou de nosso fracasso."

Osmar Barbosa

Rio de Janeiro, Vale do Paraíba, 1850

O surto industrial que se abriu no Rio de Janeiro após 1850, além do grande desenvolvimento da cafeicultura do Vale do Paraíba, enriqueceu determinadas camadas da sociedade carioca que se deram às novas formas de sexualidade. A negra escrava ao alcance da mão já não era mais suficiente. O luxo, as diversões e um simulacro do jogo da sedução tornaram-se importantes. Muitos chefes de família, de cabelos e barbas brancas, que deviam fazer respeitar-se, atiravam-se nas correrias dos bordéis, sacrificando a fortuna dos seus.

É nesse ambiente que encontramos Roberto, sentado em uma luxuosa mesa sendo servido por duas escravas negras de sua propriedade.

A seu lado está Marly, que nesta encarnação se chama Maria, e é a esposa do coronel Roberto, próspero fazendeiro que adquiriu sua riqueza nos cafezais.

O jantar é servido por Jurema e Marta.

– Marta, sirva mais um pouco de feijão ao senhor Roberto – ordena a patroa.

– Não precisa, Maria, não quero mais comida. Traga-me o licor e prepare a varanda, pois vou descansar e fumar um bom charuto.

– Sim, meu senhor – diz Jurema.

– Onde estão as crianças?

– Já estão recolhidas, senhor – diz Jurema.

– Você colocou o menino no quarto que mandei decorar para ele?

– Sim, meu senhor. O Fernando está dormindo neste momento no quarto que o senhor determinou.

– Roberto, por que você quer separar o Fernando da Letícia e de Ermínia?

– Menino não tem que dormir em quarto de menina. Eu quero que meu filho durma em seu próprio quarto.

– Sim, mas eles sempre dormiram juntos, e ele ainda é uma criança. Tem apenas nove anos. Eu fico preocupada com o fato de ele dormir sozinho neste quarto que você mandou preparar, tão distante dos demais dormitórios da fazenda – diz Maria.

– Isso é problema meu, mulher. Cala logo essa boca e vá dormir – ordena Roberto, irritado.

– Sim, meu marido.

Maria obedece a Roberto e se levanta, dirigindo-se ao quarto do casal.

Roberto não costuma dormir com Maria, que passa longas noites solitárias no amplo quarto de casal. Ele prefere dormir em outro quarto longe dos demais.

Roberto e Maria, nesta encarnação, têm três filhos: Fernando, de nove anos; Ermínia, de dez; e Letícia, de doze. São crianças felizes que estudam e se divertem sempre que possível na linda propriedade do casal.

Todos se recolhem. Roberto segue até o quarto do menino Fernando, que dorme em sono profundo. Maliciosamente tira toda a sua roupa e deita-se ao lado do filho. Puxa para cima de ambos uma coberta grossa e começa a bolinar a criança que não reluta e percebe a malícia, a maldade de seu pai, mas é incapaz de reclamar.

As sessões de estrupo acontecem sempre às segundas-feiras, que é quando a propriedade está mais vazia, e ninguém pode ouvir o gemido abafado do pobre menino. Exceto a escrava Jurema que percebe a maldade praticada por Roberto e fica sempre ansiosa para desmascarar o patrão e

entregá-lo à polícia. Embora tenha medo, Jurema está determinada a ajudar o pobre menino.

Maria, submissa a Roberto, aceita tudo fingindo não perceber a maldade. Fernando tenta contar para a sua mãe. Mas ele não é ouvido.

Letícia e Ermínia pouco podem fazer, pois ainda são crianças.

Nina fica horrorizada com a cena e intercede a Daniel.

– Daniel, perdoe-me!

– Sim, Nina!

A história é interrompida no telão.

– Perdoe-me, Daniel, mas que coisa horrível!

– Sim, Nina, isso é realmente horrível de se ver. Imagina o que Fernando traz em seu passado.

– Pois é. É isso mesmo. Que coisa horrível de se ver!

– Sim, Nina, mas é necessário que vocês observem toda a trajetória de Fernando para que possam entender o que ele passará agora.

– Podemos pular essa parte, Daniel?

– Sim, Nina. Vamos pular essa parte. Mas precisaremos ainda voltar à fazenda para acompanharmos Fernando e Raquel.

– Mas eu não vi Raquel nessa fazenda! – diz Felipe.

– Ela está lá – diz Daniel.

– Mas as meninas, as irmãs de Fernando, pelo que pude observar não são a Raquel.

– Sim, Felipe, as irmãs de Fernando nesta encarnação não continuaram com ele em sua jornada. Elas escolheram seguir perto das famílias de seus maridos, pois ambas se casaram e foram morar distante. Uma, a Letícia, foi

morar em São Paulo; e a Ermínia casou-se, teve dois filhos e foi morar em Minas Gerais. E decidiram seguir em frente com as famílias de seus maridos.

– Podemos optar em que família queremos evoluir? – perguntou Lucas.

– Lucas, as encarnações são ferramentas utilíssimas para a evolução. Os espíritos se afinam e seguem juntos pela jornada evolutiva; e além do mais, você tem o livre-arbítrio; sendo assim, você pode escolher qual grupo de espíritos deseja acompanhar.

– Legal, Daniel! Obrigado!

– De nada, Lucas.

– Quer dizer que Fernando, Roberto, Raquel e Maria, quer dizer, Marly, decidiram seguir juntos?

– Sim, Nina. Eles estão em resgate – diz Daniel.

– Então onde está Raquel nesta história? – insiste Felipe.

– Raquel e Fernando já estão juntos há bastante tempo. Eles são como você e a Nina, espíritos afinados por séculos.

– Perdoe-me, Daniel, mas Raquel não está neste grupo, então? – insiste Lucas.

– Está sim. Vamos voltar à fazenda e vocês poderão compreender melhor o que digo – diz Daniel.

A tela volta a ficar iluminada com as imagens da fazenda. O dia começa a nascer clareando toda a propriedade, iluminando os campos de café. Na cozinha, Jurema e Marta estão preparando o desjejum da família. Os demais empregados estão a caminho das plantações para o trabalho do dia a dia.

Tudo está normal.

É manhã de terça-feira.

– Jurema, você ouviu esta noite o menino gemendo?

– Sim, pude ouvir de meu quarto. Não suporto mais ouvir isso.

– O que podemos fazer, mulher?

– Você, eu não sei, mas eu vou tomar uma atitude que sei que pode até custar minha vida.

– O que você está pensando, sua doida?

– Eu não estou pensando em fazer, eu vou fazer – diz Jurema, determinada.

– Fazer o que, Jurema?

– Vou pegar o menino e sumir nesse mundão de meu Deus.

– Você ficou louca? O patrão vai "caçar" pelos quatro cantos do universo, e quando ele e seus capangas a acharem farão picadinho de você.

– Eu é que não vou ficar olhando o pobre menino ser estuprado todas as segundas-feiras e não fazer nada. Já chega aturar Dona Maria ver seu filho passar por isso e não fazer nada. Infeliz essa mulher.

– Engraçado que ele não faz isso com as meninas, ele só faz isso com o menino – diz Marta.

– Ele é um doente. Um maluco, isso sim – diz Jurema.

– Vê se toma juízo, Jurema e esqueça essa história de raptar o menino.

– É o que eu vou fazer, você vai ver. Eu vou salvar essa criança.

– Anda, vamos pôr logo a mesa que eles já estão chegando para o café da manhã – diz Marta.

Após colocar a mesa do café, Jurema pede licença para ir até as plantações.

– Dona Maria, a senhora me permite ir até as plantações?

– O que é que você vai fazer por lá, Jurema?

– Vou catar umas ervas para preparar um prato especial para o patrão.

– Que ervas são essas?

– São ervas aromáticas que colocamos nos pratos especiais, minha senhora.

– Pode ir, mas não demore, você sabe que não pode atrasar o almoço, o Roberto fica uma fera.

– Pode deixar, patroa, a comida vai estar servida na hora certa.

– Vá então, mulher, e não demore!

– Sim, minha senhora.

Jurema então vai à procura de Juvêncio, um dos capatazes de Roberto. Ela confia e sabe que seu amigo, assim como ela, não concorda com tudo o que Roberto faz. Após procurá-lo pela plantação, Jurema finalmente o encontra na baia dos animais.

– Olha quem veio me visitar se não é a minha amiga Jurema! – diz Juvêncio.

– Oi, Juvêncio!

– O que houve, Jurema? Por que está com essa cara, mulher?

– Podemos conversar em outro lugar?

– Sim, claro! Vamos até a cocheira do meu cavalo.

Após caminharem em silêncio por algum tempo, Jurema e Juvêncio chegam à cocheira e sentam-se em um banco de madeira embaixo de um frondoso abacateiro.

– Diga o que está havendo, Jurema.

– Juvêncio, por acaso você sabe que o patrão tem abusado de seu filho, o menino Fernando?

– Ouvi dizer, mas não acredito. O senhor Roberto é um homem bom e honesto.

– Pois se eu lhe garantir que ele abusa do menino, o que você me diz?

– Jurema, você, mais do que ninguém, sabe de tudo o que se passa naquela casa. Se você me disser que ele faz isso, obviamente vou acreditar em você.

– Pois é, meu amigo, ele abusa do menino.

– Santo Deus do céu! O senhor Roberto ficou maluco.

– Eu também acho – diz Jurema.

– E agora, o que fazer?

– É por isso que estou aqui, Juvêncio; eu preciso da sua ajuda para salvar essa criança.

– Mas o que podemos fazer? O patrão é homem rico, poderoso. Ele não vai perdoar quem fizer mal a ele e ao menino.

– Eu vou fugir com essa criança por esse mundão de meu Deus e salvar essa criança dessa tortura.

– Ô Jurema, você ficou louca mesmo, não é? Como uma preta como você vai fugir por aí com um menino branquinho? Você acha que as pessoas vão achar isso normal? Você não vai conseguir passar na primeira porteira.

– Eu até já pensei nisso também.

– E o que é que você vai fazer?

– Vou pintar o garoto com pó de carvão, assim ele fica negro e ninguém repara.

– Ficou doida de vez – diz Juvêncio, rindo.

– Já se fala em nos libertar. Tenho ouvido conversas lá na sede de uma tal lei que vai libertar todos os negros.

– É, eu também já ouvi falar dessa tal lei. Mas por enquanto ainda somos negros e escravos. E você sabe muito bem qual é a pena para escravos que fogem.

– Eu sei, mas eu não suporto mais ver o menino sofrer.

– Jurema, você não tem nada com isso, mulher – diz Juvêncio.

– Pensa direitinho, você é o único que pode me ajudar na fuga, Juvêncio.

– Mas o que é que eu posso fazer?

– Eu preciso de uma carroça, pequena e veloz. Pretendo fugir na próxima lua cheia. Eu pretendo me esconder durante o dia e cavalgar para bem longe durante a noite.

– Até que é uma boa ideia. Olha, amiga, conhecendo você como a conheço, sei que nada vai fazer você desistir dessa ideia maluca. Quando a lua chegar sua carroça vai estar pronta, vou colocar alimentos e água para vários dias. Assim que você estiver pronta, me avise que eu também estarei com tudo preparado para a fuga. Mas se algo der errado nunca diga que fui eu que ajudei.

– Eu sabia que podia contar com você. E pode deixar que ninguém vai pegar essa negra fujona.

Carinhosamente Jurema abraça Juvêncio que a adverte:

– Me promete que nunca vai contar a ninguém que ajudei você a fugir?

– Pode ficar tranquilo, homem. Na próxima semana a lua estará cheia. Eu aviso você e fugirei para bem longe com o menino.

– Deus lhe proteja, muié (sic)!

– Amém, amigo, amém!

Jurema abraça o amigo e volta para a propriedade levando em suas mãos algumas ervas que encontrou pelo caminho.

Logo ao chegar à cozinha...

– Onde você estava, Jurema?

– Pegando ervas, Marta, não *tá* vendo?

– O menino Fernando está lhe procurando.

– Vou conversar com ele, onde ele está?

– Na sala do piano.

– Vou até lá.

Jurema pega uma bandeja e coloca sobre ela um copo com água e se dirige à sala de música.

– Oi, Fernando!

– Oi, Jurema!

– Quer água?

– Sim, obrigado. Como você adivinhou que eu estava com sede?

– É porque sou adivinha.

– Que legal, Jurema! Sabe, eu gosto muito de você.

– Eu também, Fernando, gosto muito de você. E é por ter esse sentimento tão profundo dentro do meu coração, que não suporto ver você sofrendo.

– Mas eu não estou sofrendo – diz o menino.

– Você ainda é uma criança e vai demorar um pouco para entender o que é a vida e tudo o que você está passando nos dias de hoje.

– Olha, Jurema, se você está falando isso pelo fato de meu pai fazer o que faz comigo, saiba que tenho perfeito conhecimento dessa maldade. A Letícia já conversou comigo e me mostrou o quanto é errado o que o papai faz comigo. Mas a minha mãe consente. Então eu nada posso fazer. Eu já vou fazer dez anos, daqui a pouco eu me torno um rapaz, daí ele não vai mais fazer isso comigo. Eu não gosto quando ele faz, doe muito e eu sofro.

Lágrimas começam a molhar a face de Jurema, que não consegue conter-se e abraça carinhosamente o menino.

– Não chora, Jurema!

– Meu amor, se eu lhe pedir uma coisa, você faz?

– Sim, claro que sim.

– Vamos fugir daqui. Eu lhe prometo que ninguém nunca mais fará uma maldade com você. Vamos para bem longe.

– Para onde, Jurema?

– Qualquer lugar onde você não sofra mais essa dor.

– Tudo bem, eu fujo com você; é só você me dizer o que devo fazer.

– Na semana que vem a lua vai estar cheia, aproveitaremos o clarão dela para fugir.

– Só eu e você?

– Sim, só eu e você, mais ninguém.

– E para onde é que vamos?

– Vamos para Minas Gerais; lá, os escravos são bem tratados. Eu vou pintar seu corpo com carvão, ninguém vai perceber que você é branco.

Quando você ficar maior, vai poder tocar sua vida como quiser.

– *Tá* bom, Jurema. Só lamento ficar longe de minhas irmãs. De minha mãe eu acho que não vou sentir saudades, não.

– Algum dia você volta e reencontra com elas.

– Isso mesmo! Quando eu ficar um rapaz eu volto e fico com minha mãe e minhas irmãs. Mas não quero ver meu pai.

– Agora não conte isso a ninguém.

– Pode deixar – diz o menino, feliz.

– Eu vou continuar fazendo as minhas coisas. Não conte nada a ninguém, nem mesmo às suas irmãs; elas podem estragar nosso plano.

– Pode deixar, eu já sou um rapazinho. Não vou contar nada a ninguém.

“A falta de amor é a maior de todas as pobrezas.”

Madre Teresa de Calcutá



De volta à vida

A tela é recolhida, as luzes se acendem e todos esperam pelos ensinamentos de Daniel.

– Senhoras e senhores, já pudemos observar que Fernando teve uma encarnação difícil com sua mãe e com seu pai. Se não fosse o socorro de Jurema, fatalmente ele não teria terminado aquela existência. Logo após seu desaparecimento e da escrava Jurema, Roberto foi assassinado por um de seus capatazes, pois ao chegar à sua casa o moço de nome Lourenço encontrou Roberto, seu patrão, estuprando seu filho de apenas doze anos. No momento da fúria, Lourenço não pensou duas vezes, tirou da cintura um facão afiado e desferiu vários golpes em Roberto, que morreu imediatamente.

Após a morte do marido, Maria vendeu a propriedade e mudou-se para São Paulo.

Nunca mais Fernando viu suas irmãs e sua mãe, e nem sequer soube da morte de seu pai.

Fernando foi criado por Jurema, e quando se tornou homem também tornou-se capataz na mesma fazenda onde agora sua mãe preta foi acolhida no interior de Minas Gerais, e por lá viveu até seu desencarne. Nunca se casou, porque tinha vergonha e trauma de sua infância violenta.

– Daniel, por que eles se encontram agora nesta vida? – pergunta Nina.

– Para que vocês possam entender os porquês dessa existência é necessário que retomemos nossas atividades, e amanhã voltaremos a nos encontrar para darmos continuidade e essa que é uma verdadeira lição de amor.

– Então vamos voltar ao trabalho e nos encontraremos amanhã – diz Nina levantando-se da cadeira.

– Vamos – repete Felipe, levantando-se.

Todos voltam às suas tarefas em Amor & Caridade, ansiosos pelo novo dia quando Daniel lhes trará mais ensinamentos.

Logo que chegam à enfermaria, Nina é procurada por Felipe e Lucas.

– Nina!

– Sim, Felipe!

– O Lucas teve uma ideia que gostaríamos de compartilhar com você.

– Diga, Lucas!

– Nina, fiquei com muita pena da Raquel quando a deixei no Umbral. Eu estava pensando se não poderíamos ir até lá e conversar com ela. Quem sabe contar isso que vimos hoje sobre seu irmão? Quem sabe ela não fica mais calma?

– Lucas, para irmos ao Umbral é necessário que o Índio esteja conosco.

– Eu já falei com ele – diz Felipe.

– E o que ele disse, Felipe?

– Ele disse que se a gente quiser, ele nos acompanha, mas tem que ser rápido para que o Daniel não perceba.

– Vocês estão a fim de me arrumar problemas, não é?

– Não, Nina, não é nada disso, mas imagina se a gente conta que o Fernando teve um problema com o Roberto na encarnação passada... Eu acho que isso vai ajudar a Raquel – diz Lucas.

– Não sei não.

– Vamos, Nina – diz Felipe.

– Eu não gosto de fazer nada sem permissão de Daniel.

– Mas é rapidinho, nós só vamos lá confortar a menina e dar-lhe notícias de seu irmão – diz Felipe.

– Está bem, vamos rápido – concorda Nina.

– Onde está o Índio? – pergunta Felipe.

– Ele está no portão da colônia – diz Lucas.

– Então vamos – diz Felipe.

– Espere, tenho que avisar a Soraya – diz Nina.

– *Tá* bom, Nina, vamos esperar você lá no portão – diz Lucas.

– Está bem, vai indo que eu encontro vocês por lá.

Nina segue até a enfermaria número três e avisa Soraya que vai se ausentar por pouco tempo. Soraya assume a coordenação das alas enquanto sua prima e amiga segue para o Umbral.

Assim Nina, Felipe, Lucas e o Índio descem à região densa do Umbral para encontrar-se com Raquel.

“Se cada um de nós consertar de dentro o que está desajustado, tudo por fora estará certo.”

André Luiz



O Umbral

Nina, Felipe, Lucas e o Índio chegam ao Umbral e começam a procurar por Raquel.

Lucas volta ao mesmo lugar onde a deixou.

– Venha, Felipe, ela está logo ali à frente – diz Lucas.

– Estamos indo. Venha, Nina!

– Estamos perto?

– Sim – diz o Índio.

O Umbral é escuro e lamacento. A pouca luz que se apresenta vem de uma lua escondida por densas nuvens. A névoa que cobre o lugar não se dissipa. O cheiro é ruim. Há corpos jogados nos lamaçais. Uns respiram, outros não; alguns estão vestidos, outros nus. Nina fica sempre muito assustada quando chega nesse lugar. Mas a presença do Índio a deixa um pouco mais segura.

– Felipe, estou com medo! – diz Nina, segurando firmemente no braço musculoso de seu amado.

– Fique calma, meu amor, já estamos perto da menina – diz Felipe.

– Olhem, lá está ela! – diz Lucas, que acelera o passo indo ao encontro de Raquel que está sentada sobre uma rocha de uns dois metros de altura olhando a triste paisagem.

– Raquel! Raquel! – grita o jovem rapaz.

– Oi, Lucas – diz a menina descendo da pedra e abraçando o amigo Lucas.

Nina e Felipe se aproximam do grupo, enquanto o Índio cuida da segurança de todos.

– Esses são meus amigos. Essa é a Nina e esse é o Felipe – diz Lucas.

Raquel estende a mão e cumprimenta Nina e Felipe.

– Ah, já ia me esquecendo: aquele ali é o nosso amigo Índio. Você se lembra dele, não é? No dia em que viemos buscar o Fernando ele estava conosco.

– Muito prazer em conhecê-los. Me lembro do Índio sim – diz Raquel.

– O prazer é nosso – diz Nina, acariciando a mão de Raquel.

– Mas a que devo a honra dessa visita, Lucas? – pergunta Raquel.

– Somos da colônia onde seu irmão está. Somos da Colônia Espiritual Amor & Caridade – diz Nina.

– Vejo que, pela luminosidade de seus corpos, vocês são de alguma colônia de luz.

– Sim, Raquel, somos de Amor & Caridade – diz Nina.

– Eu sei, Lucas me contou que vocês iriam cuidar de meu irmão.

– Pois é por isso que estamos aqui. Viemos lhe trazer notícias dele e de seu pai, o Roberto.

– Aquele desgraçado?

– Não, o Roberto não está em nossa colônia; se não me engano, ele ainda está encarnado – diz Nina.

– É, eu sei, ele ainda está encarnado – diz Raquel.

– Pois é, decidimos vir até aqui só para lhe dizer que tudo o que aconteceu com o Fernando é, na verdade, um resgaste de sua vida anterior ao lado de Roberto.

– Eu imaginava que fosse isso – diz Raquel.

– Como assim? – pergunta Felipe.

– Embora esteja aqui, eu e o Fernando já estamos há algum tempo juntos. Quando você veio buscá-lo para sua recuperação aí nessa colônia eu já sabia que ele precisaria do refazimento para compreender tudo o que enfrentou encarnado.

– Você sabia?

– Sim, Nina, eu sabia. Há muito tempo eu acompanho o Fernando. E olha, agradeço a preocupação de vocês em me ajudar; minha condição atual não me permite seguir para nenhuma colônia. Preciso depurar-me aqui no Umbral. Preciso esquecer alguns sentimentos que ainda carrego dentro de mim, e sei que só estando aqui e vivenciando as coisas daqui é que vou conseguir me libertar do ódio que ainda carrego no coração. Na verdade, além de aproveitar para melhorar minha condição, espero alguém que em breve precisará de minha ajuda aqui neste lugar horrendo. E quando isso acontecer, espero ser resgatada por vocês, e espero sinceramente conseguir esse merecimento. Por ora é isso. Aconselho vocês a voltarem correndo para a colônia, pois Daniel está neste momento questionando Soraya sobre onde vocês estão.

– Você conhece Daniel?

– Nina, existem muitos mistérios que só são explicados na hora exata. Eu, Fernando, Daniel e outros amigos de Amor & Caridade estamos juntos há muito tempo. Logo todos vocês poderão saber de tudo.

– Gente, agora eu é que fiquei assustado, vamos voltar logo para a colônia, afinal Daniel está nos procurando – diz Lucas, amedrontado.

– Não sem antes saber uma coisa – diz Nina.

– Sim, Nina, o que você deseja saber?

– Quem é você?

Raquel vira-se para o lado, e seu olhar se perde no horizonte.

– Sim, Raquel, quem é você – Felipe indaga.

O Índio se aproxima, toma Nina e Felipe pelo braço e diz:

– Precisamos ir.

– Espere, Índio, precisamos desta resposta.

– Agora é melhor irmos – insiste o Índio.

Raquel caminha para afastar-se do grupo sem dar-lhe a resposta.

– Venham, vamos embora – insiste o Índio.

Todos voltam à Colônia Amor & Caridade. Nina e Felipe ficam assustados e ao mesmo tempo tentam compreender o porquê de Raquel estar no Umbral.

Se ela conhece Daniel, por que ele não a ajuda? Que mistério envolve Daniel e Raquel? E Fernando? De onde vem Fernando? Será que ele é um espírito de luz?

Perguntas sem respostas que Nina e Felipe certamente irão esperar pelo próximo encontro para perguntar a Daniel.

“Não reclame das sombras, faça luz.”

André Luiz

De volta à revelação

Um lindo dia se inicia em Amor & Caridade. Pássaros cantam as mais belas melodias matinais. Todos os espíritos se encaminham para seus setores a fim de trabalharem para sua evolução.

Nina se encontra com Felipe na ala das crianças.

– Bom dia, Felipe!

– Bom dia, Nina!

– Por acaso você sabe a que horas será nosso encontro com Daniel?

– Não. Marques ainda não nos avisou.

– Não vejo a hora de me encontrar com Daniel e descobrir quem é Raquel.

– Eu também.

– Venha, Felipe, me ajude a levar as crianças para a praça, está na hora de se divertirem.

– Sim, Nina. Você está chateada?

– Não, só estou triste.

– Mas o que houve? – pergunta Felipe, preocupado.

– Coisa de menina, Felipe, coisa de menina!

– *Tá* bom, não está aqui quem lhe perguntou...

Após algumas horas o alto-falante da colônia anuncia que Daniel deseja falar a todos.

“Senhoras e senhores, peço um minuto de sua atenção para ouvirem a palavra de nosso diretor Daniel”, diz Marques.

Todos param suas atividades e se mantêm em silêncio para ouvir a mensagem de Daniel.

“Senhoras e senhores, bom dia!

Tenho que pedir-lhes desculpas, porque hoje não será possível o nosso encontro para terminarmos de assistir ao Fernando. Alguns fatos novos estão acontecendo neste momento em nosso orbe terreno e requerem concentração e permissão do nosso governador espiritual para a interferência da falange mais sublime da espiritualidade.

Como todos sabem, o planeta Terra passa por um momento de transformação, e é necessário que estejamos conectados às vibrações para que todo o processo se cumpra.

Fui convocado para uma reunião em Nosso Lar. Peço a todos que se mantenham em oração pelo momento. Oremos à espiritualidade superior pedindo misericórdia por todos que sofrem neste momento.

Oremos...

Deus, nosso Pai de bondade e amor, suplicamos a Tua misericórdia para com todos os encarnados e todos aqueles que se encontram em sofrimento neste momento.

Rogamos a Ti luz para os que ainda se encontram nas trevas; paz para os corações aflitos; amor para os desiludidos; compaixão para aqueles que se encontram no Umbral.

Senhor, que a Tua misericórdia se estenda ainda àqueles que não compreendem nossa missão. Perdoa, Pai, àqueles que julgam sem conhecer os fatos, dá esperança àqueles que sofrem. Permite-nos, Senhor, ser instrumento de amor e esperança para uma humanidade perdida na arrogância e na intolerância.

Glória a Ti, oh Senhor.

Graças a Deus...”

Todos em Amor & Caridade dão graças a Deus. Assim Daniel segue junto à sua comitiva para a reunião em Nosso Lar.

– Poxa, Felipe, vamos ter que esperar Daniel nos convocar! – diz Nina.

– É, Nina, teremos que esperar. Vamos voltar ao trabalho, que é o melhor que podemos fazer neste momento.

– É, vamos.

– Você tem notícias do Fernando?

– Ele continua no sono da recuperação.

– Vamos trabalhar – diz Felipe.

– Fazer o que, não é? – diz Nina sorrindo, demonstrando ter melhorado seu humor.

Os dias passam em Amor & Caridade.



Paris

– Bom dia, Fernando!

– Bom dia, Paloma!

– Amanhã será seu aniversário. E eu gostaria de saber se você quer que eu prepare alguma coisa, afinal sua irmã chega às oito horas. Você quer que eu vá buscá-la no aeroporto ou você mesmo faz isso?

– Faço questão de buscar minha irmã, Paloma. Vou comemorar com uns amigos do ateliê. Eles já organizaram tudo. Você quer ir?

– Sim, claro! Não vou perder sua festa, afinal são vinte e três anos, e eu faço parte dessa história.

Fernando se levanta e abraça Paloma.

– Você é minha segunda mãe, você sabe disso. Desde os dezesseis anos que não vejo minha mãe verdadeira e você é muito importante para mim. Você sabe disse, né?

– Eu te amo, Fernando. Ter você por perto é, sem dúvida, uma honra para qualquer mãe.

– Te amo também, Paloma – diz Fernando, emocionado.

– Então vou ver com o pessoal do ateliê o que eles precisam. Eu e o Michael fazemos questão de participar de sua festa.

– Obrigado, mãe branca!

– Te amo, filho!

– Eu também. Agora vou para o ateliê, tenho algumas reuniões importantes hoje.

– Vá sim, mais tarde eu passo por lá.

Carinhosamente Fernando beija a face de Paloma e segue para seu ateliê na parte central de Paris.

Fernando ficou famoso por ser um dos mais requisitados *designers* de joias, profissão que escolheu logo que se formou em uma universidade da França. Com desenhos exclusivos produzidos por ele, vive ainda com Paloma e Michael, mas não é mais dependente financeiro de seus pais adotivos. Seu apartamento comprado recentemente passa por obras. Ele é um rapaz muito feliz.

No dia seguinte...

– Bom dia, Paloma!

– Bom dia, filho! Você vai para o aeroporto pegar sua irmã?

– Sim, já estou de saída.

– Mas antes deixa eu te dar um abraço bem forte – diz Paloma abraçando carinhosamente Fernando. Eu te amo, viu? Parabéns pelo seu aniversário; desejo que você seja o ser mais feliz do universo.

– Eu também te amo muito, e só tenho a agradecer tudo o que você fez e faz por mim.

– Bobagens, Fernando.

– Agora me deixe correr, senão Raquel vai ficar perdida no aeroporto me procurando.

– Vai, meu amor, vai – diz Paloma, emocionada.

Após uma hora, Fernando está no setor de desembarque, ansioso aguardado por Raquel.

– Ei menina! – grita Fernando.

Raquel ouve o grito e sai correndo para abraçar o irmão.

Os dois rodopiam de alegria. Fernando beija com ternura sua irmã.

– Nossa, como você está linda!

– Você também está chique, hein?!

– Paris, querida Paris! – diz Fernando puxando Raquel para caminharem.

– Deixa que eu empurro seu carrinho. Trouxe pouca bagagem, o que houve?

– Querido, vir para Paris com bagagem não é uma coisa muito inteligente, né?

– Verdade, nós podemos fazer compras. Muitas compras.

– Sim, essa é a intenção. Compras! (Risos)

– Como está a mamãe?

– Na mesma.

– Como assim?

– Vivendo aquela vidinha com o papai.

– E ele?

– Continua bebendo muito. Ele tem andado doente como lhe falei. Quando embarquei mamãe estava levando-o para fazer uns exames. A coisa não está muito boa para o lado dele não.

– Tenho saudades deles. Falar pelo telefone não é a mesma coisa, né?

– Eles também sentem sua falta. Mas você é o orgulho de toda a família. Vovó só fala de você.

– Que bom! Ainda bem que eu vim para cá. Aqui tudo é maravilhoso, sou respeitado e acima de tudo, sou feliz.

– Você me disse que comprou um apartamento – diz Raquel.

– Sim. Mas ainda não estou morando nele, está em reforma.

– E é legal?

– Sim, fica num bairro chique.

– Que bom, Fernando, ver assim você feliz e realizado!

– Eu ainda não realizei todos os meus sonhos. Quando você voltar para o Brasil, eu vou com você, pois quero comprar uma casa para a mamãe e para o papai.

– Nossa, sério que você vai fazer isso?

– Esqueceu, querida, que foi isso que prometi à mamãe?

– Tinha me esquecido mesmo. Aliás, venha cá; deixa eu te dar um abraço, pois hoje é seu aniversário.

Fernando abraça sua irmã com ternura.

– Agora vamos lá para o meu ateliê, que o pessoal preparou uma festinha para nós.

– Vamos, que chique, hein! – diz Raquel.

– Vamos no meu carro – diz Fernando, feliz.

– Nossa, meu irmão, que legal ver você assim, realizado!

– Deus foi muito bom comigo quando me mandou para essa terra maravilhosa, e acima de tudo me colocou na vida a Paloma e o Michael. Além, é claro, do meu grande amor.

– É verdade, Deus foi muito bom com você. Mas que novidade é essa?

– Depois eu conto tudo, agora me conte um pouco de você.

– Ah, eu... terminei a faculdade e estou trabalhando numa gráfica, cuido da segurança e logística da empresa.

– Você está feliz? – pergunta Fernando.

– Se vivesse em um país onde homossexualidade não fosse problema, talvez eu estivesse mais feliz.

– Você continua namorando a Carla?

– Namorando... Nós estamos morando juntas, querido. Felizes e realizadas, embora com pouca grana. (Risos)

– E qual é o problema?

– Meu querido, no Brasil ninguém pode ser gay. Eu e a Carla sofremos muito por nossa opção sexual.

– Meu Deus!

– É, maninho, é isso.

– Vem morar aqui, boba!

– Não posso. A Carla tem família grande e não consegue viver longe deles. Eu até já conversei com ela sobre isso, mas é carta fora do baralho.

– Olha, se precisar, nem pense duas vezes. Afinal, eu tenho meu apartamento e lá cabe muita gente.

– Obrigada, Fernando.

– E o papai aceitou você ser gay?

– Ele não sabe.

– Mamãe sabe?

– Olha, Fernando, eu tenho minha vida. Tenho meu apartamento, que embora não seja meu mesmo, é nosso, como a própria Carla diz. Na última vez que tentei argumentar com a mamãe ela só fez chorar dizendo que é castigo de Deus ter dois filhos gays. Papai, depois de sua partida, se entregou definitivamente ao álcool, vive mais bêbado do que sóbrio. Vovó continua com a mesma vidinha, centro espírita-casa, casa-centro espírita.

– E você tem ido ao centro espírita?

– Eu e Carla somos tarefeiras lá. Cuidamos das crianças enquanto seus pais assistem às aulas. Nós as evangelizamos.

– Nossa, que saudade do centro espírita! Que saudade de Mirna!

– Você não tem falado com ela?

– Falo às vezes pelo telefone. Mas eu sinto mesmo é a saudade de abraçar – diz Fernando, saudoso.

– Ela também gosta muito de você.

– Ela continua sendo voluntária no centro espírita?

– Até hoje ela cumpre a rotina de ajudar meninos e meninas carentes.

– Que legal! Mirna é um anjo de Deus.

– É verdade, Fernando.

– Chegamos.

– Nossa, que lugar lindo!

– Gostou? – pergunta Fernando estacionando seu carro em uma vaga exclusiva na frente de uma grande e linda loja de joias.

– Sim – diz Raquel.

– Pois bem, seja bem-vinda ao meu ateliê e à minha loja.

– Nossa, você deve estar rico!

– O suficiente para ser feliz e poder comprar uma bela casa para os nossos pais.

– Deus o abençoe, maninho!

– A você também, minha querida!

Fernando e Raquel descem do carro e entram na luxuosa loja de joias.

Fernando é recebido com carinho pelos funcionários. Paloma já tinha tudo preparado. A festa de aniversário de Fernando se estende até tarde da noite. Todos comemoram a vida naquele lindo e luxuoso lugar.

No dia seguinte...

– Bom dia, Fernando!

– Bom dia, Paloma! A Raquel já acordou?

– Ainda não, mas tenho um recado de Marly para vocês.

– Você não disse a ela que a Raquel chegou bem?

– Disse sim, mas não é isso que ela quer falar com vocês.

– O que houve?

– Senta aqui, Fernando – diz Paloma indicando uma cadeira confortável na sala.

Fernando senta e coloca sobre o colo uma almofada laranja.

– Espere um pouco, o Michael está vindo.

– Gente, que mistério é esse?

– Michael! – chama Paloma.

– Sim, querida!

– O Fernando está aqui.

– Sim, estou indo.

– Aconteceu alguma coisa com a minha mãe, Paloma?

– Não, com a sua mãe não, mas aconteceu uma coisa terrível com o seu pai.

– Meu Deus, o que houve?

– Espere, o Michael vai lhe explicar melhor.

– Michael, corre para me explicar, por favor, o que está acontecendo com meu pai?

– Oi, Fernando, desculpe, eu estava no banho.

– O que houve com meu pai?

– Seu pai é portador de insuficiência renal crônica avançada, e necessita de um transplante urgente.

– Meu Deus! – diz Fernando, colocando as mãos sobre o rosto.

Paloma se aproxima e o abraça.

– Tenha calma, meu filho!

– Estou calmo, mas o que fazer agora? Logo agora que eu ia comprar uma casa para eles!

– Você vai comprar a casa para eles. O que vocês precisam é achar um doador dentro da família. Ou entrar na fila do transplante. Mas conversando com sua mãe, ela me disse que o estado dele é gravíssimo; se não for transplantado imediatamente, ele não vai suportar.

– Meu Deus! Cadê a Raquel?

– Ela está dormindo.

– Vou até lá conversar com ela.

– Vai sim; vocês, como irmãos, se entendem – diz Paloma, assustada.

Fernando entra no quarto e Raquel já está acordada; ela está chorando, pois ouviu a conversa de Michael sobre a doença de seu pai.

Fernando corre e abraça a irmã.

– Você ouviu?

– Sim. Meu pai, meu paizinho não pode morrer.

– Vamos para o Brasil agora! – diz Fernando, decidido.

– Eu já tenho a passagem de volta, é só remarcar.

– Vamos até o aeroporto e resolveremos isso lá. Liga para a mamãe e avisa que estamos indo.

– Está bem, Fernando.

– Agora levanta, vamos tomar café e seguir para o aeroporto.

– Estou indo.

Fernando se dirige à sala e comunica a Michael e Paloma sobre sua decisão, que é aceita e apoiada de pronto por seus pais adotivos que os levam até o aeroporto. Fernando e Raquel conseguem um voo poucas horas depois de chegarem ao aeroporto. E logo viajam para o Brasil.

“O homem não morre quando deixa de viver, mas sim quando deixa de amar.”

Mark Twain



Deixe-me viver

Logo que chegam ao Brasil, Fernando e Raquel se dirigem imediatamente para o hospital onde Roberto agoniza.

– Que porcaria de hospital é esse, Raquel?

– Esse ainda é um dos melhores aqui de São Paulo.

– Meu Deus! Meu pai está aí?

– Sim. Olhe, a vovó está sentada ali – diz Raquel apontando com o dedo.

Fernando é a sensação do lugar. Alto, moreno, de cabelos lisos, muito bem cortado e bem vestido. Ele chama a atenção de todos no lugar.

– Olhe se não é a Raquel e o Fernando, Marly – diz Eleonor.

– Meu Deus, meu filho está enorme! – diz Marly correndo em direção a Fernando.

– Meu filho!

– Mãe!

Ambos se abraçam calorosamente.

Raquel se aproxima e abraça a avó.

– Gente, o que houve com o papai?

– Seu pai está no leito de morte, Fernando – diz Marly em lágrimas.

– Não, gente, isso não pode acontecer! Vamos conversar com o médico – diz Fernando.

– Venha, o doutor está lá dentro, vamos conversar com ele – diz Eleonor.

Fernando, Raquel, Marly e Eleonor se dirigem à sala para conversar com o médico de Roberto.

– Doutor, com licença!

– Sim, podem entrar.

– Com licença, doutor. Eu sou Fernando, filho do Roberto, eu acabei de chegar de viagem e gostaria de saber o estado real do meu pai.

– Sentem-se, por favor – diz Marcos.

Todos se sentam e Marcos começa a explicar a doença de Roberto.

– Seu pai sofre de insuficiência renal crônica, também chamada de doença renal crônica. Provavelmente ela se desenvolveu devido ao fato de seu pai sofrer de diabetes. Como ele nunca procurou se cuidar, seu estado atual é gravíssimo.

– O que podemos fazer para salvá-lo?

– Fernando, só um transplante pode dar esperanças a seu pai.

– Eu posso ser o doador?

– Qualquer um que esteja gozando de saúde pode ser o doador.

– Então vamos fazer o transplante – diz Fernando, decidido.

– Fernando, meu filho, eu doo para o seu pai – diz Marly.

– Mamãe, a senhora já é uma mulher velha e debilitada. Eu ainda sou jovem e posso me recuperar rapidamente, afinal um rim não vai me fazer falta.

– Deixa que eu seja a doadora, Fernando – diz Raquel.

– Gente, gente não é assim que as coisas funcionam. Para você ser um doador eu preciso fazer uma série de exames – diz Marcos.

– Então vamos fazer os exames, quem melhor estiver será o doador do papai – diz Fernando.

– Combinado – diz Raquel.

– Vamos, doutor, não podemos perder tempo – diz Fernando.

– Fernando, é esse seu nome, não é? – diz Marcos.

– Sim, eu me chamo Fernando.

– Para que possamos operar seu pai, primeiramente precisamos transferi-lo para um hospital mais preparado para isso. Aqui nós não temos condições de realizar essa cirurgia. E além do mais, tem que ter vaga para a realização da cirurgia.

– Doutor, não importa quanto teremos que gastar. Providencie tudo que eu pago – diz Fernando.

– *Ok*. Vou verificar a disponibilidade do hospital e te aviso. Quanto aos exames necessários, faremos lá no mesmo hospital onde será realizada a cirurgia de Roberto. Olha, e tem mais. Orem, orem muito para ele resistir à cirurgia. Ele está muito fraco e debilitado. Mas vamos tentar – diz Marcos.

– Deus é maior – diz Marly.

– Eu vou pedir aos bons espíritos que nos auxiliem neste momento – diz Eleonor.

– Deixe-me agir – diz Marcos levantando-se da cadeira.

– Nós estaremos lá fora esperando o senhor – diz Marly.

– Sim, me esperem, vou fazer algumas ligações e os aviso em breve.

– Obrigado, doutor – diz Fernando.

Todos saem da sala e ficam à espera de notícias.

– Fernando, você tem dinheiro para pagar tudo isso?

– Tenho, mamãe, fique tranquila; eu tenho dinheiro.

– Meu Deus como você está bonito, meu filho!

– Obrigado, mamãe – diz Fernando abraçando carinhosamente Marly.

Após duas horas, Marcos procura pela família.

– Está tudo pronto. Vocês já podem ir à frente que eu vou na ambulância com o Roberto, nos encontraremos lá no hospital.

– Obrigado, Marcos – diz Fernando.

Após algum tempo todos estão no hospital. Fernando e Raquel fazem o exame para um deles ser o doador do rim. Raquel não é aprovada, e só mesmo o jovem Fernando é capaz de doar para seu pai um rim.

Assim, após algumas horas intermináveis Fernando salva a vida de seu pai que recebe um órgão saudável.

Após vinte e dois dias eles finalmente se encontram.

– Roberto, bom dia!

– Bom dia, doutor Marcos!

– Com se sente?

– Ótimo.

– Que bom! Bom, Roberto, atendendo ao pedido de sua família, nunca lhe revelei quem foi o doador de seu rim. Agora vejo que você já está preparado para saber quem foi a pessoa que doou o órgão para você.

– Sim, doutor, realmente eu gostaria de saber quem foi que teve esse nobre gesto de salvar minha vida.

– Pois bem. Sua esposa está aí fora. Eu vou permitir sua entrada e você conversa com ela, ok?

– Obrigado, doutor, muito obrigado.

– Com licença – diz Marcos se retirando do quarto.

Marly entra com Raquel.

– Oi, pai!

– Oi, filha, que bom que você está aqui! Você voltou de viagem por mim?

– Sim, voltei logo que soube de seu estado de saúde. E estou muito feliz em ver você assim, saudável e com a cor recuperada, pai.

– Eu também, filha, e quero aproveitar para lhe prometer uma coisa.

– O que, papai?

– Eu nunca mais vou beber.

– Que bom, né Roberto, afinal agora você já é um senhor e tem diabetes, precisa se cuidar.

– Pode deixar, Marly. Eu estive muito perto da morte. E tenho que mudar minha vida.

– Muito bom, papai, essa sua decisão – diz Raquel.

– Roberto, eu tenho uma surpresa para você. Você está calmo?

– Sim, Marly, eu estou bem.

– Posso mandar essa pessoa entrar?

– Sim, quem está aí? Quem é que você está me escondendo?

– Seu filho está aí fora, pronto para lhe abraçar.

– Aquela aberração está aí? – diz Roberto.

– Aquela *aberração* foi quem salvou sua vida – diz Marly.

– Como assim?

– O Fernando foi o único que estava apto a doar o rim para você.

– Meu Deus, como assim, Marly? Ele fez isso por mim?

– Seu filho largou toda a sua vida na França e correu para lhe salvar a vida. E quer saber mais? Foi ele quem pagou todas as despesas do hospital. Se não fosse ele, dificilmente você estaria aqui para viver este momento.

Lágrimas umedecem o olhar de Roberto que sente em seu peito uma amargura incontrolável. Sente-se arrependido por tudo que fez a seu filho.

– Não chore, papai – diz Raquel, emocionada.

– Não estou chorando lágrimas de tristeza, choro as lágrimas da felicidade de Deus ter me permitido ter um filho tão bondoso. Peça a ele para entrar, por favor. Eu só espero sinceramente que ele me perdoe por todo o mal que lhe fiz.

– Só seja educado e cuidadoso, pois ele está recém-operado, assim como você.

Apoiando-se nos cotovelos, Roberto ergue seu corpo a fim de sentar-se na cama.

Fernando entra lentamente no quarto e se dirige ao leito do pai.

– Meu filho! Perdoa-me! – diz Roberto, abrindo os braços.

Fernando abraça carinhosamente Roberto, e juntos, corpo a corpo, eles podem sentir seus corações palpitando de alegria e amor.

– Meu pai, eu te perdoo sim, pois te amo muito.

Lágrimas nos olhos de Fernando e de Roberto. Ambos se abraçam. Marly abraça Raquel e todos choram.

Fernando carinhosamente seca com os dedos as lágrimas da face de Roberto que muito emocionado permanece agarrado ao filho.

Espíritos amigos estão dentro do quarto naquele momento auxiliando ao mentor de Fernando; eles estendem as mãos levantando-as em direção a Fernando e Roberto que conseguem sentir uma luz que ilumina todo o lugar. Todos choram e se abraçam. Roberto não reclama a condição do filho. Pelo contrário, o elogia dizendo ser um belo rapaz. Todos ficam felizes. Após quarenta e seis dias, Roberto recebe alta e volta para casa.

Fernando, já recuperado, espera a ambulância chegar trazendo para a nova casa recém-comprada pelo rapaz seu amado pai.

Todos estão muito felizes.

– Olha, vovó, lá vem a ambulância. Será que o papai vai gostar dessa casa que eu comprei para ele? – diz Fernando.

– É claro que sim, meu amor – diz Eleonor.

Roberto fica emocionado ao entrar na casa e se sente feliz.

Marly preparou um almoço especial para a família que, feliz, comemora uma nova vida.

– Então, Fernando, quando é que você volta para Paris? – pergunta Eleonor.

– Viajo no sábado, vovó.

– Poxa, mas tão perto?

– É mesmo, maninho, tão perto. Hoje já é quinta-feira, poxa!

– Mas você vem no Natal, não é, filho? – pergunta Roberto.

– Venho sim, pai, venho sim, prometo – diz Fernando.

– E você, Raquel, não quer ir comigo? Assim você aproveita, afinal suas férias foram interrompidas pela doença do papai.

– Não, infelizmente não posso. Minhas férias foram aquelas que o meu trabalho me permitiu. Agora só no ano que vem.

– Que pena! – diz Fernando.

– Será que um dia você virá morar no Brasil de novo, Fernando?

– Não, vovó. Minha vida já está construída na França. Tenho meu trabalho, minha empresa e meu amor.

– Que pena!

– Mas amanhã quero me despedir do Brasil com estilo – diz o rapaz.

– O que você quer fazer, Fernando?

– Quero que você me leve na melhor boate aqui de São Paulo, maninha.

– Deixa comigo, que vou te levar na melhor de todas – diz Raquel.

– Cuidado, crianças, a violência em nossa cidade está cada dia pior – diz Eleonor.

– Fique tranquila, vovó, nós vamos de táxi. Assim não corremos risco.

– Divirta-se, meu filho. Aproveite sua última noite aqui – diz Marly se aproximando do filho e lhe acariciando os cabelos.

– Pode deixar, mamãe, que eu sei aproveitar a vida.

– É, filho, aproveite – diz Roberto. – Olha filho, obrigado por esta casa.

– Pai, quando saí do Brasil, prometi a mim mesmo que realizaria o sonho da mamãe. Graças e Deus tudo está bem agora.

– Graças a Deus! – diz Marly.

Agora vamos almoçar e aproveitar o dia – sugere o alegre Fernando.

“Tudo é amor. Até o ódio, o qual julgas ser a antítese do amor, nada mais é senão o próprio amor que adoeceu gravemente.”

André Luiz

A vida além da vida

– Vem, Fernando, vem – diz Raquel.

Fernando está muito feliz. Tem ao seu lado sua querida irmã. Eles caminham após uma noite de muita diversão na melhor boate gay de São Paulo. São quatro horas da madrugada fria de São Paulo.

– Onde será que vamos conseguir um táxi? – diz o rapaz.

– Vamos atravessar a praça.

– Sim, vamos para a outra avenida, quem sabe lá encontraremos um.

Fernando e Raquel não percebem, mas estão sendo seguidos por um grupo de aproximadamente oito rapazes, carecas e tatuados.

Ao passar em um lugar mais escuro, Fernando e Raquel são cercados pelos rapazes.

– E aí sua bichinha, *tá* indo para onde? – diz um deles.

– Vem, Raquel, não dê confiança – diz Fernando, acelerando o passo.

– Meu Deus! – diz Raquel, assustada.

Sem falar nada, um dos rapazes alto e negro dá uma paulada na cabeça de Fernando, que perde os sentidos e cai no chão. Raquel tenta proteger o irmão e também é espancada até a morte pelo grupo intolerante.

Fernando, após apanhar bastante, morre sem ao menos pronunciar qualquer palavra. Após o espancamento, o grupo corre em direção oposta à boate. Alguns transeuntes se aproximam e chamam a polícia para socorrer os irmãos mortos, caídos ao chão.

Alguns espíritos estão assistindo a tudo e encaminham Raquel e Fernando para o Umbral.

Daniel convoca a todos para o encontro no galpão. Marques é o encarregado de avisar do chamado de Daniel.

– Nina, avise a todos. O encontro com Daniel será hoje à tarde no galpão.

– Ainda bem, pensei que Daniel havia se esquecido de terminar o ensinamento que nos propôs.

– Daniel não esquece seus compromissos, Nina; ele simplesmente estava muito ocupado.

– Perdoe-me, Marques. Perdoe-me – diz Nina, arrependida.

– Eu compreendo sua ansiedade em saber tudo sobre Fernando e Raquel. Mas Daniel, do alto de sua sabedoria, espera o momento mais oportuno para passar para todos nós seus ensinamentos. Agora vá e avise a todos, por favor.

– Pode deixar, Marques.

Assim todos se encontram no salão e aguardam a chegada de Daniel.

Vestido com um roupão branco que lhe cobre todo o corpo, Daniel chega para o encontro iluminado.

– Boa tarde a todos!

– Boa tarde, Daniel – respondem todos a uma só voz.

– Há alguns dias me reuni aqui neste mesmo lugar com vocês para lhes passar um ensinamento: começamos a acompanhar a trajetória de um espírito que chamamos carinhosamente de Fernando. Ele e sua irmã Raquel viveram por algum tempo uma experiência necessária a seus ajustes. Fernando, como todos puderam ver, teve em sua última encarnação a oportunidade de ajustar-se com seu pai de outras vidas, chamado Roberto. Após sofrerem juntos, Fernando pediu-nos a oportunidade de reencarnar como seu filho. Só que desta vez, seu pai não poderia tocar-lhe o corpo. Decidiu-se que outros homens se utilizariam do corpo do pobre rapaz para que seu pai desenvolvesse em seu âmago o sentimento da ternura sem ser atraído pela sexualidade. Assim, Fernando encarnou como homossexual e seu pai teve a oportunidade de experimentar ter um filho discriminado, maltratado e até assassinado por sua condição, ou melhor, por sua escolha sexual.

Em uma vida anterior à que mostrei para vocês, uma vida anterior àquela da fazenda, Fernando foi o assassino de Roberto. Por isso ele se sacrificou nessa sua última encarnação doando para seu rival um órgão vital que lhe salvou a vida. No encarne da fazenda, Roberto abusou de seu filho, que lhe foi subtraído pela escrava Jurema, como todos vocês puderam ver.

Agora lhes foi mostrada a última encarnação deste grupo de espíritos. Roberto continua sua vida com Marly na bela casa que o Fernando comprou para eles antes de ser assassinado. Os bens que ele possuía na França foram doados para Marly, que agora dispõe de excelente condição financeira e trabalha na caridade. Após muito relutar e tentar receber notícias de seus filhos, Marly e Roberto começaram a frequentar o centro espírita na esperança de receberem uma carta consoladora. Este foi o caminho que lhes foi oferecido para aprenderem as leis de Deus da forma mais inteligente que existe hoje sobre a Terra. Auxiliados por Eleonor e Mirna, Marly e Roberto são hoje tarefeiros que ajudam muitas pessoas.

Fernando teve que passar pelo Umbral para depurar-se da promiscuidade que lhe envolvia. Mas a misericórdia divina lhe permitiu estar lá dormindo como uma criança enquanto toda a energia deletéria que lhe acompanhava fosse dissipada no Umbral.

Assim os ajustes finais estão cumpridos.

– Daniel, desculpe-me, mas posso lhe fazer uma pergunta? – diz Nina se levantando.

– Claro que sim, Nina.

– E Raquel? Por que ela ficou no Umbral? Quem é Raquel?

– Raquel, na verdade, é a escrava Jurema que acompanha Fernando por muitas encarnações. Raquel é trabalhadora da Colônia da Regeneração. Ela e Fernando são de lá.

– Agora está explicado porque ela não quis nos falar nada – diz Lucas.

– Sim, Lucas. Raquel é um espírito de luz que está em missão de auxílio a este grupo.

– Quer dizer que ela está ligada a todos eles? – pergunta Felipe.

– Sim, a missão de Raquel é com Fernando e Roberto.

– Então por que ela ficou no Umbral? – pergunta Nina.

– Eu vou convidá-la a falar com todos vocês, agora mesmo, neste exato momento – diz Daniel.

Raquel sai do corredor que dá acesso ao palco e cumprimenta a todos.

– Boa tarde!

– Boa tarde, Raquel – respondem todos, espantados.

– Seja bem-vinda, Raquel, todos aqui acompanharam suas últimas encarnações e estão muito curiosos em saber de sua ligação com Fernando e

com Roberto – diz Daniel.

– Não fiquem. Eu vou lhes explicar. Podemos nos sentar, por favor?

Todos se sentam.

– Sim, por favor, sente-se aqui – diz Daniel, apontando uma cadeira branca colocada ao lado da dele. Na frente de ambos há uma jarra com água e dois copos.

Raquel então começa a falar:

– Eu e o Fernando estamos ligados pelas tarefas que realizamos na Colônia da Regeneração. Como o nome já diz, a Colônia da Regeneração é onde podemos nos regenerar, onde podemos nos transformar, e assim vencer as demandas evolutivas.

– Fernando, após longo período na colônia, decidiu reencarnar e ajustar-se com Roberto, espírito rival. O ódio mantido pelos dois só atrapalhava a evolução de ambos. Assim, foi-nos permitido reencarnar naquele grupo.

– Fernando, finalmente conseguiu perdoar seu rival que também o perdoou como todos vocês puderam ver. A doação do órgão foi vital para que eles selassem o perdão.

– Eu permaneço no Umbral, porque preciso preparar o lugar para receber Roberto que dentro em breve vai desencarnar, vítima de sua diabetes contraída pelo excesso de álcool no organismo. Nem preciso explicar-lhes mais os motivos porque permaneço ainda no Umbral.

– Perdoe-me, Raquel, posso lhe fazer uma pergunta? – diz Nina.

– Sim, menina.

– Nina, senhora! Meu nome é Nina.

– Sim, Nina, podes perguntar, perdoe-me.

– Quando o Lucas chegou do Umbral ele estava muito mexido, após o encontro com você. Você tem alguma ligação com ele?

– Sim, eu tenho uma ligação com Lucas. Venha até aqui, Lucas, por favor.

Lucas se levanta assustado e dirige-se ao palco onde Daniel e Raquel estão.

– Venha, Lucas – diz Daniel, carinhosamente.

Lucas se aproxima de Raquel que o abraça e diz:

– Eu, Lucas e Fernando estamos há muito tempo juntos. Lucas ainda não se lembra, porque é necessário que eu volte para cá com o Roberto. Assim que eu chegar, Daniel vai providenciar para que todos vocês conheçam essa ligação que existe entre nós. Por ora fica meu abraço e agradecimento ao Lucas por ter ido buscar o Fernando e estar aqui nesta colônia de amor.

– Mas eu não posso saber agora?

– Não, Lucas, nós precisamos esperar pelo desencarne de Roberto. Assim que ele chegar aqui prometo que lhe mostrarei essa ligação – diz Daniel.

– Mas por que então eu não me lembro de nada? Por que que apenas tenho a sensação de que conheço Raquel e Fernando?

– As sensações são sinais que nos ligam às pessoas e às vidas anteriores, quando sentires que conheces alguém mesmo sem nunca tê-la visto. Isso é a comprovação das existências.

– Compreendo, Daniel, então o que tenho a fazer é esperar?

– Sim, seja paciente, Lucas! E logo tudo estará revelado.

– Obrigado, Daniel – diz Lucas abraçando Raquel.

– Seja compreensivo, Lucas – diz Raquel.

– Sim, sem problemas, Raquel, eu sei esperar as coisas de Deus.

– Isso mesmo, meu amado irmão – diz Nina.

– Agora voltemos ao nosso assunto – diz Daniel.

– Posso lhe fazer outra pergunta, Daniel? – diz Nina.

– Sim, claro que sim, Nina.

– Todos os homossexuais que estão encarnados estão em missão de ajuste?

– Boa pergunta, Nina – diz Daniel.

– Nina, hoje o planeta Terra experimenta a entrada de uma nova era, muitos dos espíritos que são homossexuais estão nesta condição, porque experimentaram longos períodos na psique contrária; sendo assim eles precisam dessa experiência para se encontrar realmente com a masculinidade ou com a feminilidade. Como todos aqui sabem, nós, espíritos, não temos um sexo definido. E após experimentar centenas e até milhares de anos na psique feminina, necessário se faz que este espírito precise se ajustar. Outros, que se dizem homossexuais, experimentam um modismo que logo passará. Mas aqueles que nascem nos corpos trocados normalmente estão vivendo uma experiência de resgate. Aquelas crianças que questionam desde cedo seu corpo, esses sim, estão em missão, estão vivendo experiências de ajustes.

– O que dizer daqueles que sofrem tanto por isso, Daniel?

– Nina, o planeta Terra ainda é um planeta primitivo. Todos os espíritos que nele estão encarnados estão pela necessidade de evoluir.

– Mas Daniel, é muito sofrimento. Vejam vocês que o pobre Fernando e a sua irmã foram assassinados pela intolerância.

– Muitos morrem pela intolerância no planeta Terra. Jesus morreu pela intolerância, e tantos outros mártires. Muitos dos que agora trabalham na caridade são julgados e injuriados por aqueles que por muitas vezes os abraçavam. É assim, Nina, que com o tempo e a razão tudo ficará esclarecido. Haverá ainda o dia em que todos aqueles que estão sobre o solo terrestre estarão na verdadeira busca, a busca da perfeição tão sonhada pelo Criador para Seus filhos.

– Lindas as suas palavras, Daniel.

– Obrigado, Felipe. Mas tenho algo ainda mais importante para lhes dizer.

– Aliás, vou pedir a Raquel para lhes transmitir as últimas palavras deste encontro. Por favor, Raquel – diz Daniel.

– Obrigada pela oportunidade, Daniel.

– Prossiga, querida irmã.

Então Raquel toma a palavra:

– Tudo o que d'Ele provém, provém pela perfeição. Ele, que a todos ama e a todos auxilia, deseja fervorosamente que aqueles que estão hoje encarnados trabalhando na caridade estendam a bandeira da paz e da simplicidade, pois é lá que Ele está. Muitas igrejas, muitas casas espíritas estão sendo abertas por pessoas que não estão preparadas para a caridade, pseudomédiuns que nunca experimentaram a relação médium- mentor espiritual. Simplesmente pregam o evangelho com interesses próprios. Muitos constroem templos e edificam castelos belíssimos que não refletem a beleza do espírito comprometido com a caridade. Infelizmente, ainda não temos permissão para interferir nesses infelizes lugares. Cabe aos espíritos mais iluminados cuidarem dos inocentes que muitas vezes são levados a esses lugares com seus corações transbordando de amor. Nós, que estamos auxiliando o Criador, rogamos todos os dias por essas infelizes almas.

Incrédulas, infelizes, incapazes, que não conseguem enxergar um palmo diante de seu nariz. Não veem que só há um caminho. Não enxergam se não seus desejos mais ardilosos. Juntam-se na bandeira do Cristo, mas servem verdadeiramente ao mal, esse mal que prolifera dentro dos templos erguidos pela vaidade e pelo desamor.

– Nós, por intermédio dos médiuns psicográficos, estamos mandando muitas mensagens para todos na esperança de que esses irmãos acordem. Na esperança de que esses corações sejam modificados, que esses corações endurecidos pela vaidade compreendam que só há um caminho.

– A homossexualidade não é uma doença, e nem tampouco uma maldição. O amor é o único sentimento capaz de transformar tudo ao redor do espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado. Tolos são aqueles que acham que o mundo espiritual é algo sobrenatural. Sobrenatural no que diz a palavra, pode até ser, para quem ainda não tem a consciência do que é isso aqui, mas não há nenhuma surpresa quando a alma se desliga do corpo físico. Tudo é normal, aqui há vilas, casas, ruas, teatros, lojas, galpões; enfim, tudo o que existe no mundo material, existe aqui, só que de uma forma fluídica, diferente, mas perfeita, pois todos os que estão aqui e que estão chegando aqui, precisam ajustar-se, e nada melhor do que não haver surpresas. Lembrem-se Ele nos ama.

– O homem encarnado vive de sonhos, aqui não há sonhos, aqui só há realidades. Portanto, preparem-se para vir para cá. Preparem-se para o dia em que deixarão para trás aqueles que conviveram com você nessa existência. Nada termina. Tudo continua. Não se prenda a velhos livros; se fosse assim nós não estaríamos agora mesmo nos utilizando deste médium para lhes escrever estas linhas. Raciocinem, exercitem a liberdade. Vivam como se hoje fosse o último dia. E sejam felizes como todos nós somos aqui em Amor & Caridade e nas centenas de colônias espirituais espalhadas sobre o orbe terreno.

– Obrigado a todos.

Todos os espíritos se levantam e aplaudem de pé, agradecidos aos ensinamentos passados por Daniel e Raquel.

Raquel se levanta e abraça o bom companheiro. Nina sobe ao palco para abraçar Daniel e Raquel.

Todos estão felizes em Amor & Caridade.

Fim